



Universidade do Grande Rio

Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (PROPEP)

Programa de Pós-graduação em Ensino das Ciências (PPGEC)

Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

LUIZETE PEREIRA DE CARVALHO

**DIVERSIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA:
Documentando Histórias de Vida**



Duque de Caxias
Janeiro/2019

LUIZETE PEREIRA DE CARVALHO

**DIVERSIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA:
Documentando Histórias de Vida**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências da Universidade do Grande Rio, como parte dos requisitos necessários a defesa do título de mestre.

Orientador:
Profa. Dra. Andrea Velloso da Silveira Praça
Programa de Pós-Graduação em
Ensino das Ciências
Universidade do Grande Rio

Duque de Caxias
Janeiro/2019

Carvalho, Luizete Pereira

Diversidade de Gênero na escola: documentando histórias de vida / Luizete Pereira de Carvalho.
– 2019.

79f.; il; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências na Educação Básica) –
Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Programa de Pós-graduação em Ensino
das Ciências, 2019.

“Orientador Prof. Dr^a Andrea Velloso da Silveira Praça”.

Bibliografia: f 54 - 58

1. Ensino de Ciências. 2. Aprendizagem Significativa. 3. Aprendizagem Móvel. I. Velloso, Andrea
da Silveira Praça. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DAS CIÊNCIAS

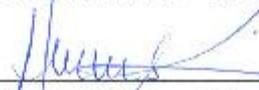
LUIZETE PEREIRA DE CARVALHO
DIVERSIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA: DOCUMENTANDO HISTÓRIAS DE
VIDA

Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado Profissional do Programa de
Pós-Graduação em Ensino das
Ciências da UNIGRANRIO como
requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Ensino das Ciências.

Aprovada em 28 de janeiro de 2019 pela seguinte Banca Examinadora:



Prof.ª Dr.ª Andrea Velloso da Silveira Praça
Programa de Pós-Graduação em Ensino das
Ciências da UNIGRANRIO – Presidente



Prof.ª Dr.ª Haydeia Maria Marino de Sant'Anna Reis
Programa de Pós-Graduação em Ensino das
Ciências da UNIGRANRIO



Prof.ª Dr.ª Giseli Capaci Rodrigues
Programa de Pós-Graduação em Ensino das
Ciências da UNIGRANRIO



Prof. Dr. Paulo Melgaço da Silva Júnior
Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC)

“Um ditado chinês diz que se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando um pão, e ao se encontrarem, eles trocam os pães, cada um vai embora com um; porém, se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando uma ideia, e, ao se encontrarem, eles trocam as ideias, cada homem vai embora com duas (...) Quem sabe é esse mesmo o sentido do nosso fazer: repartir ideias, para todos terem pão...”

Cortella, 2000

Dedicatória

Dedico esse trabalho ao meu esposo Amilcar (*in memoriam*) e aos meus filhos Letícia e Otto, por todo apoio incondicional, para que eu continuasse em frente na conclusão desse projeto.

AGRADECIMENTOS

À Banca Examinadora, composta pelos Professores Doutores Paulo Melgaço, Giseli Rodrigues Capaci e Haydea Reis, pela disponibilidade de estarem presentes com suas respectivas contribuições para este singelo trabalho. À minha orientadora Professora Doutora Andrea Velloso por todo apoio nessa trajetória. À Senhora Luciana e sua equipe por disponibilizar o estúdio de TV para a realização do documentário. À Secretaria Municipal de Nova Iguaçu e a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro por autorizarem a nossa pesquisa nas escolas. Às direções das escolas Professor Leonardo Carielo de Almeida e Jardim Alvorada por disponibilizarem a pesquisa em suas unidades, aos entrevistados do documentário pelas suas participações e ajuda na realização do mesmo, a querida Sara Wagner, ao JB pela edição final do documentário e ao amigo Mário Sérgio por estar comigo em todos os momentos dessa jornada.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

FIGURA 1	Escaleta	32
FIGURA 2	Mapa do Município de Nova Iguaçu, RJ, Brasil. Fonte: Agência Rio de Notícias, 2015.	33
FIGURA 3	Foto da Escola Municipal Prof. Leonardo C. de Almeida	35
FIGURA 4	Foto do Colégio Estadual Jardim Alvorada	36
FIGURA 5	Gráfico da distribuição de participantes do grupo de alunos quanto ao sexo biológico	44
FIGURA 6	Gráfico das respostas dos professores ao questionário pós-apresentação do documentário	47
FIGURA 7	Gráfico das respostas dos alunos ao questionário pós-apresentação do documentário	49

LISTA DE QUADROS E TABELAS

TABELA 1	Escolas públicas com o maior número de alunos	34
TABELA 2	Descrição detalhada das características sócio culturais dos participantes do documentário	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis
SESNI	Sociedade de Ensino Superior de Nova Iguaçu
UNIG	Universidade Iguaçu
CEN	Centro Educacional de Niterói
BPM	Batalhão da Polícia Militar
GAC	Grupo de Artilharia e Combate
ABIA	Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids
UFRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNIGRANRIO	Universidade do Grande Rio
LGBTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
ONG	Organização Não Governamental
MEC	Ministério de Educação e Cultura
GE SER	Laboratório de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidades, Gêneros e Raça em Educação e Direitos Humanos.
LGBTQ+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Queer +.
CCLGBT	Centro de Cidadania para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SEEDUC	Secretaria Estadual de Educação
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
UFBA	Universidade Federal da Bahia
INCE	Instituto Nacional de Cinema Educativo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TAUID	Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos

RESUMO

CARVALHO, L. P. Diversidade de Gênero na Escola: Documentando histórias de vida. Orientador: Andrea Velloso da Silveira Praça, Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências - PPGECC - UNIGRANRIO, 2019. Dissertação de Mestrado Profissional.

Sabemos que a LGBTfobia é uma realidade em nossas escolas e a falta de conhecimento e formação específica sobre o assunto dificulta o combate as práticas discriminatórias. Alunos/as e professores/as sofrem com a LGBTfobia, que provoca sentimentos de inferioridade, baixa autoestima, chegando até a evasão escolar. A LGBTfobia pode nos dizer que tipo de sociedade nós estamos desenvolvendo em nossas escolas e a escola é uma instituição que tem como função a formação do cidadão para que se inicie a discussão sobre a diversidade de gênero e o preconceito. Pensando nisso surgiu a ideia de produzir um documentário, a partir de relatos de estudantes, professores e outros “sujeitos” do mundo real, com o objetivo de sensibilizar e incentivar o exercício do pensamento reflexivo a respeito do tema nas unidades escolares. Utilizamos a metodologia da História de Vida, com a narrativa oral de um recorte da história dos participantes, gravada em áudio e vídeo, potencializando o diálogo entre o individual e o sociocultural. A validação do produto foi feita em duas etapas: uma com professores pesquisadores do grupo GE SER da UFRJ e a outra com alunos do 9º ano da Escola Estadual Mestre Hiram. Todos assistiram o documentário e responderam um questionário de avaliação. Esperamos como resultado que esse produto final se torne uma grande ferramenta educacional que incentive o diálogo e apresente aos nossos alunos um novo modo de ver o mundo.

Palavras-chave: Escola; LGBTfobia; Documentário.

ABSTRACT

CARVALHO, L. P. de. Gender Diversity in School: Documenting Life Stories. Advisor: Andrea Velloso da Silveira Praça, Rio de Janeiro Postgraduate Program in Science Education - PPGE - UNIGRANRIO, 2019. Dissertation.

LGBTphobia is a reality in our Brazilians schools and the lack of specific knowledge and training on the subject, makes it difficult stopping discriminatory prejudice practices. Students and teachers suffering with LGBTphobia, which causes feelings of inferiority, low self-esteem, and even school dropouts. LGBTphobia can tell us what kind of society we are developing in our schools and the school is an institution that has the function of training the citizen to start the discussion about gender, diversity and prejudice. The idea of producing a documentary came after a long time thinking about those questions, based on reports from students, teachers and other “subjects” of the real world, with the purpose of sensitizing and encouraging the exercise of reflective thinking about the subject in school units. We use the methodology of the History of Life, with the oral narrative with special attention at history of the participants, recorded in audio and video, enhancing the dialogue between the individual and sociocultural perspective. The documentary validation was made in two stages: one with research professors from the GE-SER research group from UFRJ and the other with students from the 9th grade from *Escola Estadual Mestre Hiram*. Students and researchers watched the documentary and answered the evaluation questionnaires. Our intent as a result with this final product turns into a educational tool that encourages dialogue and show to our students a new way of seeing the world.

Keywords: School; LGBTfobia; Documentary.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
	1.1. A Escola e as questões de gênero.....	18
	1.2. A Homofobia e a escola	21
	1.3. Pesquisas.....	25
2	OBJETIVOS	29
	2.1. Objetivo Geral	29
	2.2. Objetivos Específicos.....	29
3	O PRODUTO EDUCACIONAL	29
	3.1 Descrição.....	29
	3.2 Contexto e participantes.....	33
	3.3 Fundamentação Teórica.....	39
	3.4. Metodologia de validação.....	44
	3.4.1 Amostra.....	44
	3.4.2 Coleta dados.....	45
	3.4.3 Análise de dados.....	45
	3.4.4 Ética na Pesquisa.....	46
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
6	REFERÊNCIAS	54
7	ANEXOS	59
8	APÊNDICE	77

APRESENTAÇÃO

Aos dezoito anos ingressei na graduação para cursar Ciências Biológicas na SESNI (Sociedade Superior de Nova Iguaçu). Foram quatro anos de estudos intensos e atuantes com participações em Congressos e Seminários, sempre buscando o aperfeiçoamento. Participei da organização de vários eventos na minha instituição, como a Semana de Biologia e Semana de Ecologia. Durante esse período concluí também o curso de Análises Clínicas que me exigiu estágios, nos quais cumpri em dois Hospitais: Hospital Estadual Getúlio Vargas e Hospital Geral de Bonsucesso, no laboratório de Microbiologia. No primeiro ano de formada em 1983, fui convidada a lecionar as disciplinas Microbiologia e Higiene no curso de Auxiliar de Enfermagem do Hospital Estadual Getúlio Vargas. No final do curso fui surpreendida com a linda homenagem feita pelos alunos, pois fui escolhida como paraninfa e o meu nome foi dado à turma.

No ano de 1984 fui aprovada, após seleção pelo currículo, para lecionar no CEN - Centro Educacional de Niterói, que me deu a possibilidade de trabalhar na Empresa White Martins, na Polícia Militar do Rio de Janeiro (21º e 24º BPM), Exército Brasileiro (31º GAC-Escola) e em núcleos situados em Igrejas de várias comunidades. Nessa Instituição trabalhei por 12 anos. Lecionei também em duas escolas particulares, ambas em Nova Iguaçu: Instituto de Educação Paulo de Tarso e Colégio Leopoldo, colégio este que estudei do Ensino Fundamental até o 2º ano do Ensino Médio.

Após a minha saída do Centro Educacional de Niterói, fui convidada a lecionar em duas Empresas: Sanofi *Whintrop* Farmacêutica e *Knoll* Produtos Químicos e Farmacêuticos, que possuíam um núcleo da Escola SESI e conseqüentemente fui trabalhar também no SESI/ Niterói como professora de Biologia.

Em 1996 fui aprovada, no concurso para professora docente I, na Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, para a Escola Municipal Leonardo Carielo de Almeida, situada em Lagoinha, bairro da periferia de Nova Iguaçu. Nesta Escola que fui descobrir o quanto a minha escolha como professora foi acertada. Após trabalhar em empresas com todo o conforto, me vi lecionando em condições precárias, com crianças carentes em todos os aspectos, mas foi aí que me descobri e vi o quanto

poderia fazer por aquela comunidade, tanto que estou lá até hoje aguardando a aposentadoria. Em 1998 fui aprovada novamente no concurso para o cargo de professor I no Governo do Estado do Rio de Janeiro, para lecionar na Escola Estadual João do Vale, situada em Rosa dos Ventos, outro bairro da periferia de Nova Iguaçu, onde hoje atuo como Diretora Adjunta.

Durante todo o percurso profissional, fiz vários cursos de aperfeiçoamento, inclusive um de Gestão e Marketing Esportivo. Em 1985 fiz a primeira Pós-Graduação em Biologia, na SESNI e no ano de 2001 iniciei o Mestrado em Educação na UNIG (Universidade Iguaçu) e que após 2 anos de conclusão das disciplinas, o curso fechou por questões administrativas, impossibilitando a minha conclusão.

Nessa minha trajetória nas escolas públicas, comecei a observar como era tratada a questão de gênero e diversidade sexual nas escolas. O não conhecimento dos termos, como gênero, identidade de gênero, etc., alunos que não assumiam a sua própria sexualidade por medo, xingamentos e agressões para com alunos/as gay/lésbicas, tratamento com ofensas por parte de professores/as, o medo de ir ao banheiro e sofrer agressões ou assédio e a falta de conhecimento por parte de professores/as sobre como lidar com tais situações.

Incomodada com o preconceito vivido por alunos/as e professores/as, procurei obter mais informações, através da leitura de artigos científicos e filmes, porém sentia a necessidade de um curso que me desse mais respaldo sobre o tema. Foi aí que a direção da escola municipal me escolheu para fazer o curso sobre "Escola sem Homofobia: trabalhando a diversidade sexual com professores da rede pública de ensino de Nova Iguaçu", ministrada pela ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS) em junho de 2006.

A medida que adquirimos conhecimento sentimos a necessidade de mais, e por isso, em 2008 participei de uma oficina sobre Diversidade Sexual nas Escolas, ministrada também pela ABIA. No mesmo ano, fiz o Curso de Formação em Identidades de Gênero e Diversidade Sexual na Escola, ministrado pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) no período de outubro a dezembro.

Em 2010 fui selecionada para a 1ª turma do Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), concluindo no período de 2 anos, com o trabalho final: Homofobia no Esporte. Por ser

atleta *master* de voleibol e ter vivido a minha vida toda dentro do esporte, sempre percebi o quanto existe o preconceito também nos esportes, por isso a escolha do tema.

Tive a oportunidade de trabalhar como voluntária, em dois eventos grandiosos na cidade do Rio de Janeiro, como os Jogos Pan e Parapan-americanos no setor antidoping e nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Experiência essa que me trouxe conhecimento, cultura, amizades de outros países, a sensação de ter contribuído com o sucesso dos dois eventos e inclusive ver de perto, a diversidade em todos os aspectos tratada com naturalidade e sem preconceitos.

Durante todos esses anos continuei em busca da conclusão do Mestrado, e em 2015 pude finalmente me inscrever e ser aprovada para o curso de Mestrado Profissional no Ensino das Ciências na UNIGRANRIO (Universidade do Grande Rio). Aperfeiçoando ainda mais os conhecimentos adquiridos sobre a diversidade de gênero e sexual na escola, resolvi juntamente com a minha orientadora Prof.^a Andrea Velloso, dar continuidade ao tema, produzindo um documentário, que trouxesse relatos de histórias de vida de pessoas pertencentes ao grupo LGBTT (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis), como alunos/as, professores/as, diretores/as e outros sujeitos, documentando assim, as experiências vividas por eles no período de escolarização ou graduação.

Esse documentário será uma ferramenta que ajudará os professores na discussão do tema em sala de aula. Será constituído de narrativas de alunos/as, professores/as, diretores/as e outros sujeitos que falarão de suas histórias de vida relacionadas a diferentes temas com a abordagem na diversidade de gênero e sexual.

Sempre fui motivada pelo conhecimento, que me incentiva e me encoraja a vencer todos os obstáculos. Sinto uma grande alegria quando estou estudando, pois me parece que o tempo não passou, apesar desses anos todos de profissão. Após esse objetivo se concretizar, outros passarão a me motivar em busca de novas conquistas e ideias, como por exemplo, o Doutorado. Acredito ser possível construir uma escola em que a diversidade de gênero e sexual não seja restritiva e excludente, mas sim, inclusiva e renovadora.

1. INTRODUÇÃO

1.1 A escola e as questões de gênero

A escola, de fato institui a cidadania. É nela onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentescos ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma regra. (CANIVEZ, 1991 apud SILVA & FERREIRA).

A família e a escola são os grupos que tem maiores repercussões neste processo de socialização, a escola não só detém o papel de transmissão de conhecimentos científicos, denominada socialização formal, como também cabe a esta o desenvolvimento de capacidade de relacionamento em sociedade, competências comunicativas e participação na formação da identidade individual de cada aluno. (TARCISO, 2012).

É inegável o importante papel que a escola exerce na formação das crianças e dos/as jovens. Ela é significativa no processo educativo dos sujeitos que a integra. É no ensino formal que a educação se condiciona a um projeto pedagógico fundamentado por uma pedagogia que orienta o fazer pedagógico, oportunizando ou não, situações para a aplicabilidade prática do ensino. Frente a isto, ela constrói seus métodos e regras que se constituem em propostas e caminhos a serem percorridos conforme a realidade que se apresenta, sofrendo forte influência das constantes crises sociais que provocam alterações na vida dos seres humanos. (BARBOSA e MACHADO, 2004).

Observamos grande dificuldade na maioria dos/as professores/as em refletir sobre as questões de sexualidade e de gênero. A sexualidade envolve as práticas eróticas do ser humano, suas escolhas de relação afetiva e objetos de desejo. Do mesmo modo que gênero, a sexualidade é culturalmente estabelecida e tem distinções em diferentes grupos e culturas.

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos "naturalmente". Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2000)

Adotaremos gênero como um termo polissêmico empregado como forma de expressar ou compreender as diferenças socialmente produzidas em redor das diferenças sexuais, revelando assimetrias entre homens e mulheres (SOUZA E LIMA, 2008). Segundo SCOTT (1991), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. Portanto, gênero constitui modos de pensar, de ser, de viver atribuídos a mulheres e homens por via de representações materiais e simbólicas.

Atualmente, a nomenclatura é vasta para definir os diferentes gêneros presentes na sociedade. Em primeiro lugar, é importante destacar que, em termos de gênero, todos os seres humanos podem ser enquadrados (com todas as limitações comuns a qualquer classificação) como transgênero ou "cisgênero". Chamamos de cisgênero, ou de "cis", as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans.

No Brasil ainda não há um consenso sobre o termo, vale ressaltar. Há quem se considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e

transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero (...) Alguns utilizam o termo *queer*,¹ outros, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero. (JESUS, 2012,)

O conceito de gênero parece distante de realidade escolar e parece se manter restrito ao universo acadêmico. Enquanto as discussões acadêmicas sobre gênero alcançam um nível teórico-conceitual cada vez mais sofisticado, nas escolas a concepção de que as masculinidades e as feminilidades são construções culturais ainda é uma concepção distante. Portanto, pensar sobre questões de gênero de forma mais abstrata torna-se uma tarefa complicada para muitos/as professores/as. (MADUREIRA, BRANCO, 2015).

A inclusão do debate sobre a diversidade sexual e de gênero no espaço acadêmico ocorre desde meados dos anos de 1970 e deve-se, historicamente, à pressão dos grupos feministas e dos grupos gays e lésbicas que denunciaram a exclusão de suas representações de mundo nos programas curriculares das instituições escolares. No plano acadêmico internacional, esse movimento surgiu com os departamentos de Estudos da Mulher e, posteriormente, com os Estudos de Gênero e os Estudos Gays e Lésbicos, em algumas das universidades americanas, sempre no esforço de criar alternativas e formas de resistências aos sintomas de sexismo, machismo e homofobia e, ao mesmo tempo, fazendo com que tais temas pudessem ser abordados também nas pesquisas acadêmicas. No cenário brasileiro, tal debate esteve restrito durante vários anos a áreas como a Sociologia, a Psicologia e a Crítica Literária, sendo bastante sintomática sua ausência, mais particularmente, nos estudos da Educação. Contudo, neste último campo, a grande guinada nos estudos de gênero deu-se nos anos de 1990. Entre alguns dos trabalhos desse período estão as pesquisas da historiadora brasileira Guacira Lopes Louro acerca da exclusão das minorias de gênero na história da educação (DINIS, 2008).

O ambiente escolar é considerado um dos principais lugares de construção dos saberes da criança, incluindo de identidade e, conseqüentemente, é um dos primeiros lugares em que a criança se depara com as diferenças, principalmente as de gênero. É muito importante que haja o desenvolvimento de uma consciência crítica e de

¹ Termo que designa pessoas que não seguem o modelo de heterossexualidade ou do binarismo de gênero.

práticas pautadas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos. Instituir uma educação antissexista ultrapassa os limites da escola, mas compreendemos que a escola não pode compactuar com a ideologia de consenso, não deve fazer com que tudo permaneça normal aos olhos do sujeito cognitivo. A escola não pode ser só um espaço de conservação de tradições sócias, do *status quo* e especialmente um espaço para a educação voltada para a dominação masculina, mas uma instituição educativa esclarecedora dos mecanismos integrantes dessa dominação e dos seus efeitos, uma instituição cúmplice da emergência das consciências adormecidas sobre as representações marcadas pelo gênero (SOUZA e LIMA, 2008).

A diversidade sexual é um tema atual que necessita, de fato, de uma ampla discussão nas escolas. Um exemplo de desrespeito a essa diversidade é a homofobia, que pode acarretar inúmeras consequências, assim como comprometer a relação docente/estudante, produzir desinteresse pela escola, dificultar a aprendizagem e conduzir à evasão e ao abandono escolar (REIS, 2016).

1.2 A Homofobia e a Escola

O conceito de homofobia surge no senso comum norte-americano nos anos 1960 (FONE, 2000). Criada pelos próprios sujeitos homossexuais, este conceito emerge em um momento histórico em que a homossexualidade estava sendo deslocada de uma posição ligada às dimensões do pecado e da doença para o lugar de uma “homossexualidade política”. Inspirados nos novos movimentos sociais do período, particularmente o movimento negro e o movimento feminista, homossexuais começaram a se organizar para discutirem as possibilidades de melhoria de suas condições de vida e reação às constantes ofensivas da sociedade e do Estado contra as expressões das homossexualidades. Nos anos 1990, com os avanços das teorias Queer e com a densificação dos saberes sobre a AIDS, as Ciências Humanas retomam a categoria homofobia e passam a articulá-la em pesquisas sobre sexualidade, minorias e preconceitos. (FERNANDES, 2012)

No início dos anos 2000 foram publicados dois trabalhos importantes que têm como categoria central a homofobia. Um deles, publicado nos Estados Unidos, “*Homophobia: a history*” de Byrne Fone (2000), esquadrinha a história das representações sobre homossexualidades ligadas a situações de violência em alguns

“períodos históricos”, como o Greco-romano, o Judaico-Cristão, o início da Renascença, o Iluminismo, o final do século XIX-início do século XX e os dias da “Homofobia no Novo Mundo”. O outro é publicado na Europa, por Daniel Borrillo (2001), “Homofobia”, que cunha o conceito mais amplo da categoria a partir do campo do Direito, dos movimentos sociais e do campo interdisciplinar dos Estudos Lésbicos e Gays. (FERNANDES, 2012).

De acordo com Fazano, Ribeiro e Prado (2011),

A homofobia se caracteriza por sentimentos de ódio, aversão e desprezo, contra as representações sexuais, que fogem ao modelo heterossexual” intensificando, assim, o preconceito contra homossexuais (p. 66)

Para esses mesmos autores, a escola não colabora para a desconstrução da homofobia, e sim, corrobora com o modelo heterocêntrico². A escola não é um espaço de expressão da sexualidade, pelo contrário. Ela restringe o comportamento, vigia e exerce um controle sobre as atitudes dos alunos. É tão hostil às manifestações das diferenças culturais quanto às relacionadas às expressões de sexualidade. Constrói e coloca em funcionamento mecanismos de controle social com o intuito de normalizar condutas e comportamentos. Dessa maneira, no que se refere às manifestações de sexualidade que não atendem ao modelo heterocêntrico, a instituição escolar pode colaborar para a construção e legitimação da homofobia (LUZ, 2014).

Para Koehler (2009) os debates em torno da homossexualidade nas escolas são fundamentais para a “socialização e a humanização, possibilitando a compreensão dos diferentes tipos de relações sociais” (p. 590). É papel da escola contribuir para a construção de uma nova cultura, pautada no respeito às diferenças e no enfretamento da homofobia, a partir de uma formação educativa e de uma sensibilização dos sujeitos que compõe o tecido social. Este é um passo importante para a promover a conscientização e o reconhecimento da diversidade sexual e de gênero com práticas sociais. (BARBOSA et al, 2011).

A escola precisa se sensibilizar para esta questão, a partir de ações que

² Modelo que defende que deve haver apenas um tipo de orientação sexual, ou seja, a orientação Heterossexual (casal de homem e mulher).

estimulem a reflexão sobre o tema. Segundo Albuquerque (2012), a homofobia na escola afeta o bem estar subjetivo; dificulta o aprendizado, produz segregação e isolamento; gera insegurança e falta de autoconfiança; produz desinteresse; promove estigmatização; produz e agrava a distorção idade-série; desencadeia tendências ao potencial discriminatório; afeta as expectativas de alunos e professores quanto ao “sucesso” e o rendimento escolar; favorece o abandono e evasão escolar; produz intimidação; reduz oportunidades; prejudica o processo de inserção no mercado de trabalho; conduz à maior vulnerabilidade em relação a chantagens, assédios, abusos; tumultua o processo de configuração identitária e a construção do respeito em si; enseja invisibilidade ou visibilidade distorcida das pessoas; influencia a vida social em geral; dificulta a integração das famílias homo parentais na comunidade escolar.

A homofobia abrange diferentes classificações de gênero, englobadas na sigla LGBT Acrônico de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/*queer*. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTTQI, incluindo pessoas *queer* e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexuais e Assexuais (JESUS, 2012). Discutir e combater a LGBTfobia no contexto escolar não é tarefa simples, exige revisão dos próprios entendimentos e por isso precisamos romper o silêncio ao redor da homossexualidade e transexualidade. Segundo o Psicólogo Daniel Arruda Martins, “o silêncio do educador diante de ofensas, maus tratos e outras formas de violência com conteúdo homofóbico, legitima essas práticas. É necessário demarcar tais atitudes como inaceitável”. De acordo com a primeira travesti Doutora do Brasil, Luma Nogueira de Andrade, fica bastante evidente a falta de diálogo da escola com essas questões. Em entrevista ao Portal Aprendiz, Luma (2015) diz:

"Há uma necessidade de que os educadores que estão na escola tenham uma formação que atenda essas necessidades. De nada adianta criar leis sem que as pessoas estejam realmente habilitadas a promover essa formação cidadã". E, reforça: "essa formação não deve tratar a diversidade em um único pacote. Precisamos de uma diversidade nomeada que considere as questões étnico-raciais, indígenas, de gênero, sexo, deficiência física. Ou fazemos isso ou vamos continuar a promover exclusões sociais, com parte dos sujeitos com direito à cidadania e outros não". (p.3)

Sabemos que, os indivíduos são resultados das relações estabelecidas em sociedade. Somos e nos construímos em contato com o/a outro/a. Nesse sentido, a discriminação homofóbica chega até a escola de várias formas, podendo ser, simétrica entre alunos/as jovens da mesma idade ou do mesmo ano escolar – ou assimétrica – vinda de brincadeiras, risos, silêncios ou mesmo da indiferença dos professores ou funcionários da escola, que deveriam educá-los e protegê-los. Entretanto, dependendo do tipo em que a violência homofóbica se insere na escola, ela contempla a sociedade mais ampla sobre a raiz do preconceito à diferença. Quando os agressores compartilham o mesmo ambiente escolar, o *bullying* homofóbico é realizado, igualmente por crianças, jovens e adolescentes que por meio de uma violência simbólica e/ou física, insinuam, criticam e excluem (BORGES et al, 2011).

A LGBTfobia não só afeta a quem apresenta uma manifestação de gênero diferente da esperada – e de quem é suspeito/a de ter um desejo desviado, portanto, perigoso – mas também a todos os meninos, meninas e jovens que sofrem o terror de serem acusados de homossexuais.

As agressões homofóbicas produzem reiteradamente no indivíduo agredido e na sua comunidade de pares a inferiorização. Operam como injúrias que se inscrevem no corpo e na memória da pessoa formando a personalidade do indivíduo e a consciência (ERIBON, 2008).

Ao longo do tempo os alunos são sistematicamente hostilizados na escola por serem considerados “mulherzinhas”, “bichinhas” ou “viados”. Essa opressão permanente produz efeitos em suas vidas em geral, e em suas trajetórias escolares em particular? A homofobia afeta o rendimento escolar? Que outros efeitos geram nesses estudantes e nos demais? Em algum momento alguém duvida o que essa hostilidade precocemente anuncia para o destino de cada um/a desses/as estudantes? (CARRARA e HEILBORN, 2009).

Em distintos graus na escola, podemos encontrar a homofobia, no livro didático, nas concepções de currículo, nos conteúdos heterocêntricos e nas relações pedagógicas normatizadoras. Ela aparece na hora da chamada (o furor em torno do número 24, por exemplo; mas, sobretudo, na recusa de se chamar a estudante travesti pelo seu “nome social”), nas brincadeiras e nas piadas “inofensivas” e até usadas como “instrumento didático”. Estão nos bilhetinhos, carteiras, quadras, paredes dos

banheiros e na dificuldade de ter acesso ao banheiro. Aflora nas salas dos professores/as, nos conselhos de classe, nas reuniões de pais e mestres. Motiva brigas no intervalo e no final das aulas. Está nas rotinas de ameaças, intimidação, chacotas, moléstias, humilhações, tormentas, degradação, marginalização, exclusão, etc. “Pessoas veem-se, desde cedo, às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes” (JUNQUEIRA, 2009, p. 15).

Tais “brincadeiras” são poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica. Por meio dessa pedagogia, estudantes aprendem a mover as alavancas da homofobia, mesmo antes de terem a mais vaga noção do que elas significam (SULLIVAN, 1977 apud JUNQUEIRA, 2009).

Não raro, garotos são alvos de escárnio, por parte de colegas e professores/as antes de se identificarem como “gays”. Com seu nome escrito em banheiros, carteiras e paredes da escola, o “veadinho da escola” permanecerá alvo de zombaria, comentários e variadas formas de violência ao longo de sua vida escolar. E mais: tais brincadeiras ora camuflam ora explicitam injúrias e insultos, que são jogos de poder que marcam a consciência, inscrevem-se no corpo e na memória da vítima e moldam suas relações com o mundo (ERIBON, 2008 apud JUNQUEIRA, 2012).

Para Castro (2005),

Há que se estimular os professores e professoras para estarem alertas, para o exercício de uma educação por cidadanias e diversidade em cada contato, na sala de aula ou fora dela, em uma brigada vigilante anti-racista, anti-sexista, anti-homofóbica e de respeito aos direitos das crianças e jovens, tanto em ser, como em vir a ser; não permitindo a reprodução de piadas que estigmatizam, tratamento pejorativo (...). O racismo, o sexismo [a homofobia], o adultismo, que teremos em nós, se manifesta de forma sutil; não é necessariamente intencional e percebido, mas dói, é sofrido por quem os recebe, então são violências. E marca de forma indelével as vítimas que de alguma forma somos todos nós, mas sempre alguns mais que outros, mulheres, os negros, os mais jovens e os mais pobres (p. 11)

1.3 Pesquisas

A pesquisa “Juventudes e Sexualidade” publicada pela UNESCO em 2004 e aplicada em 241 escolas públicas e privadas do Brasil, mostra que entre os pesquisados/as, 39,6% dos meninos não gostariam de ter um colega de classe

homossexual. Na educação, as escolas públicas são apontadas como lugares extremamente homofóbicos, e o preconceito como responsável pela evasão escolar de muitos (as) homossexuais, na adolescência.

As pesquisas realizadas pelo Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos nas paradas LGBT brasileiras indicam que 34,4% das pessoas transexuais entrevistadas sofreram discriminação e abusos perpetrados na escola por colegas ou professoras/es. Por essa razão, não surpreende que as pessoas transexuais possuam o menor nível de educação formal, se comparado com os de outras minorias sexuais. No Brasil, 17,8% dos gays entrevistados não completaram o Ensino Médio. (CARRARA et al, 2009).

A ONG Grupo Gay da Bahia (GGB), é uma das organizações não governamentais que promovem um esforço de fornecer dados sobre violências que acometem a população LGBT no Brasil. Em seu relatório de 2013-2014, publicado no Portal Aprendiz, um gay é morto a cada 28 horas no país - foram 312 assassinatos de pessoas sexualmente diversas em 2013. O Brasil confirma sua posição de primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homofóbicos, concentrando 44% do total de execuções de todo o planeta. Nos Estados Unidos, com 100 milhões a mais de habitantes que nosso país, foram registrados 15 assassinatos de travestis em 2011, enquanto no Brasil, foram executados 128 "transexuais". O risco, portanto, de uma transexual assassinada no Brasil é 1.280% maior do que nos Estados Unidos.

A Homofobia é um fenômeno largamente presente no cotidiano escolar brasileiro. No entanto, alguns depoimentos indicam que é possível orientar nossas ações curriculares em novas direções. Um número considerável de escolas tem ido nessa direção. Nelas, o empenho em desestabilizar a homofobia tem representado trabalhar por uma escola melhor para todas as pessoas, um espaço livre, seguro, educativo e de qualidade, que promove experiências que consideram corpos, sexualidades, sujeitos, padrões culturais, normas, valores e relações humanas não como realidades naturais e imutáveis, mas construções e possibilidades de liberdade. (RIBEIRO et al apud JUNQUEIRA, 2009).

O MEC (Ministério da Educação e Cultura) preocupado com esse tipo de preconceito vem realizando várias ações dentro do Programa Brasil sem Homofobia. O programa foi criado em 2004, a partir de uma série de discussões entre o Governo Federal e a Sociedade civil organizada, com o objetivo de promover a cidadania e os

direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação. As estratégias são: dar apoio a projetos de fortalecimento de instituições públicas e não-governamentais que atuam na promoção da cidadania LGBTTT e/ou no combate à homofobia; dar capacitação em direitos humanos para profissionais e representantes do movimento LGBT que atuam na defesa de direitos humanos e disseminar informações sobre direitos, de promoção da autoestima LGBT; incentivo à denúncia de violações dos direitos humanos da população LGBTTT.

A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT, realizou em 2015 uma pesquisa nacional, publicada em 2016, sobre o ambiente educacional no Brasil, abordando as experiências de adolescentes e jovens da comunidade LGBTTT em nossas escolas. Os resultados dessa pesquisa mostraram, que foi dado um passo importante para que se possa melhorar a vida dessas pessoas nos ambientes educacionais do nosso país. Isso nos auxilia no desenvolvimento de soluções que possam diminuir ou eliminar a violência homofóbica e transfóbica vivida por esses/as estudantes.

Os dados fornecidos por essa pesquisa foram essenciais para que entendêssemos a real situação das instituições educacionais brasileiras. Essa pesquisa foi realizada concomitantemente em outros cinco países latino-americanos como Uruguai, Argentina, Chile, Peru e Colômbia e posteriormente será realizada no México. O objetivo maior foi reunir dados que se possa fundamentar Políticas Públicas que provoquem mudanças nessas instituições, tornando-as em ambientes seguros para os estudantes LGBTTT, eliminando assim os seguintes fatores: baixo desempenho, faltas, evasão e problemas de saúde como depressão. Enquanto as Nações Unidas vêm trabalhando desde 2008 em busca de respostas para essa violência e discriminação, o Brasil anda pelo caminho inverso, com atitudes de alguns governos em retirar o tema do Plano Nacional de Educação.

Segundo a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), várias pesquisas já foram feitas anteriormente sobre o preconceito, discriminação e violência contra a comunidade LGBTTT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais).

Em 2009, 18.500 estudantes, pais, mães, diretores/as, professores/as e comunidade escolar, participaram de um estudo sobre preconceito e discriminação no

ambiente escolar, feito pela Fundação Perseu Abramo e copatrocinado pelo Ministério da Saúde. Este estudo mostrou que 87,3% das pessoas envolvidas tinham atitudes preconceituosas e 26,1% tinham atitudes discriminatórias em relação a orientações sexuais diferentes da heteronormatividade. Juntamente com as Conferências de Educação em 2008 e 2011, foram feitas as Conferências LGBTT onde foi aprovada deliberações em relação ao respeito à diversidade sexual nas instituições escolares. Mesmo sendo aprovadas, não chegaram a ser concretizadas, como por exemplo, a garantia ao acesso e permanência em todos os níveis e modalidades de ensino para estudantes LGBTT.

Apenas em 2011, o Serviço Nacional de Denúncia de Violações dos Direitos Humanos, o Disque 100, passa a ser um dispositivo em relação a violação dos direitos das pessoas LGBTT, como violências LGBTfóbicas e um número grande de assassinatos de pessoas LGBTT que chegam a 300 por ano e isso motivado pela orientação sexual e identidade/expressão de gênero. Toda essa luta para que os direitos das pessoas LGBTT possam ser respeitados estão amparados por duas novas leis brasileiras que trazem como objetivo uma educação inclusiva, igualitária e de qualidade, e que as instituições escolares se tornem acolhedoras e seguras para todos (as) estudantes. Essas leis são: Lei nº 13.185 de 6 de novembro de 2015 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) e a Lei nº 13.005/2014 do Plano Nacional de Educação, que objetiva a superação das desigualdades educacionais erradicando assim toda forma de discriminação.

As unidades de ensino são um exemplo da diversidade que encontramos em nossa sociedade e dentro dessa diversidade, encontramos a de gênero e sexual, sobretudo no que se refere às identidades de gênero e às orientações sexuais. Porém, as unidades de ensino, ainda se caracterizam pela falta de respeito a essa diversidade, reproduzindo e perpetuando esses preconceitos trazidos da sociedade heteronormativa, chegando até a violência psicológica e física e deixando à margem a população LGBTT, que se sentem rejeitados e excluídos do ambiente escolar, onde o acolhimento é inexistente nesses espaços, prejudicando o desempenho acadêmico e levando na maioria das vezes à evasão escolar. Precisamos estar atentos a esse problema, tornando necessário que o tema da diversidade sexual e de gênero seja abordado de forma firme, oferecendo aos/as professores/as uma formação continuada e inicial aos/as futuros/as educadores/as.

Pretendemos com esse estudo abordar como a LGBTfobia é percebida no cotidiano das escolas para que possamos produzir conhecimentos que contribuam com mudanças ao modo de ver, pensar e agir de toda comunidade escolar e sociedade e que motivos possibilitam o silêncio ao invés da reação, bem como analisarmos as percepções da comunidade escolar quanto ao compromisso e responsabilidade no enfrentamento das questões da LGBTfobia na escola.

Toda mudança em favor da justiça e da igualdade começa quando entendemos melhor quem são as outras pessoas, e o que elas vivem, superando mitos e medos. Sem respeito à identidade de cada um (a), não garantimos a cidadania das pessoas e, silenciosamente, calamos sonhos, esperanças e aumentamos os desafios que as pessoas têm de enfrentar na vida. (JESUS, 2012).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Produzir um documentário que possa ser utilizado como um dispositivo sensibilizador, capaz de incentivar o exercício do pensamento reflexivo a respeito da LGBTfobia nas unidades escolares.

2.2 Objetivos Específicos

- Disponibilizar relatos de situações sofridas pelos/as alunos/as, professores/as e diretores/as autodeclarados/as homossexuais e transexuais durante a vida escolar.
- Contextualizar o tema, de forma a ajudar as pessoas a entenderem as questões de gênero nas escolas.
- Disponibilizar o documentário para as escolas das redes pública e particular.

3 O PRODUTO EDUCACIONAL

3.1 Descrição

O Produto Educacional produzido nesta dissertação é um filme caracterizado como documentário. Este é um termo usado no campo de produções audiovisuais. Um documentário é um filme conhecido como não ficção. Representando de forma tangível aspectos de um mundo que ocupamos e compartilhamos. Tornam visíveis e audíveis de maneira distinta a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e organização realizadas pelo cineasta (NICHOLS, 2005^[AV1]). É uma forma de expressão, onde uma história pode ser contada por representação ou até mesmo por aqueles que a vivenciaram. Não é apenas uma forma de contar, mas uma maneira de contar (OLIVEIRA e MARQUES, 2016).

O documentário possui três pilares que o caracterizam: (i) a obrigatoriedade de se fazer um registro *in loco* da vida das pessoas e dos acontecimentos do mundo; (ii) deve apresentar as temáticas a partir de um determinado ponto de vista e, finalmente, (iii) cabe ao documentarista tratar com criatividade o material recolhido *in loco*, podendo combiná-lo e recombiná-lo com outros materiais (legendas, imagens, etc.). Portanto, sabemos que o documentário é um argumento acerca do mundo histórico, ou seja, este cinema apresenta uma relação indicativa com o mundo, ele possui uma “voz”, portanto, tem algo a dizer sobre o mundo ^[AV2](TOMAIM, 2009).

Segundo BILL NICHOLS (2012) apud OLIVEIRA E MARQUES (2016), cada documentário tem seu tipo de “voz”, e cada voz é como uma marca digital de determinada forma de ver o mundo histórico. Esse autor descreve seis tipos de vozes do gênero audiovisual documentário: 1. Poético: coloca em foco a subjetividade e a estética. Valoriza os planos e das impressões do documentarista a respeito do universo abordado. Pode se usar poemas e trechos de obras literárias; 2. Expositivo: é o modo ideal para transmitir informações, porque preocupa-se mais com a defesa de argumentos do que com a estética; 3. Observativo: o cineasta somente observa os acontecimentos em seu transcorrer e capta a realidade tal como aconteceu. Para isso, evita qualquer tipo de interferência, apenas há um registro dos fatos; 4. Participativo: conta com a participação do cineasta, o mesmo torna-se um sujeito ativo no processo de gravação/filmagem; 5. Reflexivo: deixa claro para o telespectador quais foram os procedimentos da filmagem, evidenciando a relação estabelecida entre o grupo filmado e o documentarista, trazendo o realismo social e fazendo suposições de uma perspectiva da realidade social. Por fim o 6. Performativo: usa a subjetividade pelo padrão estético, utilizando as técnicas cinematográficas de

maneira livre e trata de questões da subjetividade social e de vanguarda. Adotaremos os tipos expositivo e performativo.

Um documentário é construído ao longo do processo de produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem. A presença do narrador não é obrigatória. Os depoimentos podem ser alinhavados uns aos outros, sem a necessidade de uma voz exterior, oficial unificadora, que lhes dê coerência. Isso não quer dizer que um documentário sem locutor não seja um discurso coerente. Nesses casos a coerência, o sentido, manifesta-se na seleção e encadeamento dos depoimentos que compõem a narrativa. As entrevistas realizadas, portanto, são fontes de informação para construção do texto. As conversas podem integrar ou não o documentário. Na maior parte das vezes, o documentarista utiliza trechos dessas entrevistas na edição final (MELO, 2002).

O documentário deve fluir passo a passo. Esta é a chave para o bom entendimento e a retenção da atenção do expectador. Segundo HAMPE (2008)

(...) A parte central explora os elementos conflituosos da situação, através da exibição de evidências tanto a favor quanto contrária ao tema. O objetivo disto é introduzir algo parecido com um conflito dramático na estrutura do documentário (...) (p.3).

O argumento central do documentário é encorajar o debate sobre as identidades de gênero e diversidade sexual na escola, o documentário, ora produzido, foi estruturado a partir de histórias de vida de estudantes, professores/as, diretores/as de escola e profissionais autodeclarados/as homossexuais, transexuais e travestis. Foram relatadas suas trajetórias, dificuldades e enfrentamentos no período de escolarização. Este documentário pretende ser um instrumento útil na introdução do tema e uma educação inclusiva e democrática na escola, onde todos possam respeitar as diversidades, tornando as pessoas acolhedoras em relação as diferenças e combatendo toda forma de preconceito e discriminação, bem como violências físicas e psicológicas.

Com base no argumento norteador, como em qualquer produção em áudio e vídeo, foi construído um roteiro. A primeira filmagem foi baseada no roteiro de entrevista (anexo IV). Após as filmagens com todos os participantes, partimos para a edição final que foi organizado em uma escaleta (Figura 1), que é um instrumento de visualização do roteiro em seu conjunto, uma espécie de planejamento detalhando

cada cena (LUCENA, 2012).

<p>TÍTULO: A ESCOLA RESPEITA A DIVERSIDADE DE GÊNERO? DOCUMENTANDO HISTÓRIAS DE VIDA ROTEIRO 2018</p> <p>Duração estimada:24:23 Formato:mp4</p>	
	Assunto: Diversidade de Gênero na escola: documentando histórias de vida
1	<p>Abertura: vídeo sobre fecundação e nascimento</p> <p>Imagens: estatística do número de nascimentos em 2017 e citação de um direito da declaração universal dos direitos humanos</p> <p>Áudio: música Destiny of chosen</p>
2	<p>Imagem: O Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências (PPGEC) da Unigranrio apresenta: Título do Documentário: A escola respeita a diversidade de gênero? Documentando histórias de vida. Áudio: música Destiny of chosen</p> <p>Imagem: Foto com dois bebês. Áudio: Narração da pesquisadora com a música Forrest Gump Suite ao fundo.</p> <p>Imagem: Foto de uma das escolas participantes - com narração da pesquisadora Foto de uma sala de aula com alunos - narração da pesquisadora Foto de um Ciep - com narração da pesquisadora</p> <p>Pergunta: E como a escola impactou na identidade de gênero dessas crianças? Foto dos entrevistados quando crianças - música Forrest gump suite ao fundo.</p> <p>Solicitar que respondam perguntas do guia da entrevista (Anexo 4).</p>
3	<p>Imagem: Participantes sentados com fundo <i>chroma Key</i></p> <p>Perguntas realizadas em OFF: Solicitar que os participantes se apresentem.</p> <p>Finalizar com o Mário Sérgio falando que se considera cis gênero</p> <p>Quadro com várias palavras e a pergunta: Você sabe o que significa?</p> <p>Quadro LGBT na escola - narração da pesquisadora</p> <p>Fala do Alessandro sobre preconceito da família</p> <p>Texto com a definição de homofobia - som ao fundo de máquina de escrever</p> <p>Texto com a definição de preconceito - som ao fundo de</p>

Figura 2. Mapa do Município de Nova Iguaçu, RJ, Brasil. Fonte: Agência Rio de Notícias, 2015

Considerando os índices de violência LGBTfóbica na Baixada Fluminense, foi escolhido o município de Nova Iguaçu como *locus* da pesquisa (Figura 1). Neste município foram selecionadas duas escolas públicas, uma pertencente à rede municipal de Nova Iguaçu e uma da rede estadual de ensino.

O critério de escolha das referidas escolas se baseou pelo número de alunos/as matriculados/as, pois partindo do fato de que uma escola com muitos/as alunos/as a chance de encontrarmos alunos/as LGBT seria maior (Tabela 1). Por isso foi feito um levantamento do número de escolas e a quantidade de alunos/as matriculados/as junto à Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) / Diretoria Regional Metropolitana I, selecionando assim várias escolas.

Para pesquisarmos nas escolas estaduais, a SEEDUC exigiu a abertura de um processo de autorização. O processo foi aberto, porém levou quase 1 ano para ser concluído. A pesquisa foi autorizada mas veio com uma exigência, que era a não participação de alunos/as com a idade inferior a 18 anos. Essa exigência, bem como a duração da conclusão, prejudicou a pesquisa no que se refere ao leque de opções de escolas a serem pesquisadas, provocando assim a escolha de apenas uma escola estadual e uma municipal previamente autorizada.

A princípio o critério de escolha era somente o quantitativo de alunos atendidos, depois passou a ser pela idade dos/as estudantes. Porém percebemos que de forma aleatória conseguimos uma amostra de duas escolas bastante heterogêneas do ponto de vista socioeconômico do município de Nova Iguaçu. A escola A se localiza na região de periferia do município, onde reside a população com menor poder aquisitivo (PINAD, 2013). Já a escola B se situa em um bairro mais próximo ao centro de Nova Iguaçu (Figura 2).

Tabela 1. Escolas Públicas com maior número de alunos atendidos no Município de Nova Iguaçu – Baixada Fluminense

Escola	Município	Rede de Ensino	Bairro	Nº de alunos/a
--------	-----------	----------------	--------	----------------

A	Nova Iguaçu	Municipal	Lagoinha	628
B	Nova Iguaçu	Estadual	Jardim Alvorada	1101
			TOTAL	1729

A escolha da Escola A para essa pesquisa, se deve ao fato da pesquisadora ser professora de Ciências desta instituição, e por ter um aluno homossexual que aceitou o convite para participar. Esse fato favoreceu mais ainda o contato com o aluno e responsáveis, que concordaram com a participação do mesmo. Presenciando atitudes homofóbicas para com este aluno no dia a dia da escola, me fez ver o quanto os/as alunos/as e as instituições escolares são incapazes de lidar com a diferença e a pluralidade, bem como os/as professores/as que não se sentem preparados/as para realizarem discussões em sala de aula sobre o respeito, a diversidade de gênero e sexual na escola.

A Escola A foi fundada no ano de 1987. Situa-se no bairro Lagoinha, na periferia de Nova Iguaçu. A escola abrange o Ensino Fundamental, desde os anos iniciais até os anos finais. Tem um total de 628 alunos/as matriculados/as. Funciona em dois turnos (manhã e tarde) com 18 turmas. No turno da tarde funciona apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental.



Figura 3. Escola A /Municipal – Bairro Lagoinha
Município de Nova Iguaçu.
Fonte: Pesquisadora, 2017

A Escola B foi fundada em 1967 e está situado no bairro Jardim Alvorada próximo ao centro de Nova Iguaçu.

A escola abrange os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Tem

um total de 1101 alunos/as matriculados/as. Funcionando com os três turnos (manhã, tarde e noite) com 26 turmas.



Figura 4. Escola B/Estadual – Bairro Jardim Alvorada – Município de Nova Iguaçu
Fonte: Pesquisadora, 2017.

Da escola A tivemos dois participantes: O Diretor Adjunto Alessandro Vidal Barroso, que leciona também no município da cidade do Rio de Janeiro. Tem 36 anos, residente em Campo Grande. O outro participante foi o aluno do 9º ano do Ensino Fundamental, Claudomiro da S. Calixto Junior, de 16 anos, residente no bairro de Campo Belo, periferia de Nova Iguaçu, mora com os pais, que autorizaram a participação dele na pesquisa, assinando todas as autorizações.

Da escola B participou a aluna transexual, Lexie Ventura (nome social), de 18 anos, do 3º ano do Ensino Médio, residente no mesmo bairro do colégio, mora com os pais e irmãos. Pretende cursar Ciências Sociais.

"Infelizmente, muitos adolescentes homossexuais ainda são forçados a se tornarem invisíveis nos espaços escolares e na família" (FAZANO, RIBEIRO e PRADO, 2011, p. 69). Este determinante dificultou a seleção de um maior número de estudantes, bem como o fato também da exigência da SEEDUC quanto à idade desses/as alunos/as que não poderiam ser menores de 18 anos.

O participante Jovane V. Pimenta, militar reformado da Marinha e o Professor Mário Sérgio, foram convidados pela pesquisadora por saber da orientação sexual de

ambos. A aceitação foi imediata. O aluno de graduação Dio Pablo Alexandrino foi indicado pela orientadora Andrea Velloso. Feito o convite, ele confirmou a sua participação. A aluna Lexie foi indicada por sua professora que leciona também na mesma escola que a pesquisadora. Através de uma conversa via telefone, foi explicado sobre a pesquisa e assim aceitou o convite. Por fim, após ler algumas entrevistas com a Diretora Paula, achamos que seria importante a sua participação no documentário e assim, foi feito um contato com ela através das redes sociais. Após o envio da mensagem, explicando o motivo do convite, ela respondeu confirmando a sua participação. Com a concordância dos mesmos, estes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos (TAUID) (Anexos 5 e 6). Para o aluno menor de idade, estes termos foram assinados pelos respectivos responsáveis.

Tabela 2. Descrição detalhada das características socioeconômicas e culturais dos participantes do documentário.

NOME	IDADE	ESTUDANTE SIM/NÃO SEGMENTO	TRABALHA	IDENTIDADE DE GÊNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL	ESCOLARIZAÇÃO DOS PAIS	PROFISSÃO DOS PAIS	RELAÇÃO COM OS PAIS
ALESSANDRO	36	NÃO	EDUCAÇÃO	MASCULINO	HOMOSSEXUAL	MÃE- SEM FORMAÇÃO PAI- ENS. MÉDIO	MÃE- DO LAR PAI- MILITAR	MÃE- BOA PAI- PÉSSIMA
JOVANE	45	NÃO	MILITAR REFORMADO	MASCULINO	HOMOSSEXUAL	MÃE- ENS. FUND I PAI- ENS. FUND.II	MÃE- DO LAR PAI- FERROVIÁRIO	MÃE- BOA PAI- NORMAL
MÁRIO SÉRGIO	52	SIM MESTRADO	SIM EDUCAÇÃO	MASCULINO	HOMOSSEXUAL	MÃE- ENS. MÉDIO PAI- ENS.FUND.I	MÃE- TÉC. DE ENFERMAGEM PAI- CHEFE DE COZINHA	MÃE- ÓTIMA PAI- RUIM
PAULA	48	NÃO	SIM EDUCAÇÃO	MULHER TRANSEXUAL	HETEROSSEXUAL	MÃE- ENS. FUND. I	MÃE- SERVENTE PAI- FALECIDO	MÃE- ÓTIMA PAI- FALECIDO
LEXIE	18	SIM ENS. MÉDIO	NÃO	MULHER TRANSEXUAL	HETEROSSEXUAL	MÃE- ENS. FUND. I PAI- ENS. FUND. I	MÃE- DO LAR PAI- MESTRE DE OBRA	MÃE- NORMAL PAI- NORMAL
CLAUDOMIRO	16	SIM ENS. FUND.	NÃO	MASCULINO	HOMOSSEXUAL	MÃE- ENS. MÉDIO PAI- ENS. MÉDIO	—————	MÃE- ÓTIMA PAI- NORMAL
DIO	21	SIM GRADUAÇÃO	SIM EDUCAÇÃO	MASCULINO	HOMOSSEXUAL	MÃE-ENS. FUND. I PAI- ENS. MÉDIO	MÃE- DO LAR PAI- FALECIDO	MÃE – ÓTIMA PAI- FALECIDO

Para a abordagem da temática com os participantes, optamos pelo relato de suas respectivas histórias de Vida, com foco em suas histórias escolares. Entendemos que as histórias de vida potencializam o diálogo entre o individual e o sociocultural. Por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado (Anexo 4), com 22 perguntas que versavam sobre a vida escolar/acadêmica, família, amigos, dificuldades, orientação sexual/identidade de gênero, aceitação na escola, preconceitos e ambiente escolar/profissional, foram iniciadas as filmagens. As perguntas foram apresentadas

previamente a cada participante. Isto favoreceu um maior conforto, fazendo com que os mesmos/as se sentissem à vontade diante das câmeras, falando de suas experiências de forma natural. Todos os participantes responderam as mesmas perguntas.

Áudio e Vídeo foram gravados nas dependências da UNIGRANRIO, no estúdio de gravação do *campus* Duque de Caxias. Os participantes responderam às perguntas para um narrador em off, sentados com uma tela de *chroma key* ao fundo. Primeiramente fizemos um agendamento de seis dias para conseguir gravar com todos, mas respeitando a disponibilidade dos participantes e os horários livres do estúdio. Todas as gravações foram feitas de uma só vez não precisando refazê-las. A Diretora Paula nos enviou a sua gravação em vídeo, através do whatsapp®, baseada no roteiro de entrevista que fora enviado anteriormente a ela.

Com todas as gravações concluídas, o próximo passo foi escolher as falas dos participantes de acordo com os temas determinados anteriormente, tarefa essa não tão fácil, pois foi necessário parar e voltar várias vezes com a gravação, para definir os segundos onde a fala começava e onde terminava. Com essa etapa concluída, fomos ao estúdio para iniciar a edição, tarefa também muito trabalhosa. Começamos separando as falas de acordo com os temas e de acordo com o roteiro de entrevista, fazendo os cortes nas gravações. Foram necessários três dias para realizarmos essa tarefa.

A próxima etapa foi a escolha do vídeo sobre fecundação e nascimento que abriria o documentário. Após vermos vários vídeos, escolhemos um que mais se enquadrava na proposta do nosso objetivo. Durante as pesquisas selecionamos as estatísticas que seriam introduzidas em cada troca de tema, com a finalidade de chamar/ a atenção dos espectadores para o que acontece no nosso cotidiano.

Alguns participantes trouxeram fotos da época de criança para que as mesmas fossem colocadas dentro do documentário. Todas as partes que comporiam o documentário estavam prontas, agora era só montar o quebra cabeça. Iniciamos assim o trabalho de montagem com o vídeo, com o objetivo de mostrar que todo processo de nascimento se dá em igualdade a todos os indivíduos. Encaixamos as falas de acordo com os temas propostos, como por exemplo: apresentação, família, escola, medo, profissão, etc. Em cada mudança de tema apresenta-se uma estatística. Finalizando o documentário, foi feita a edição da narrativa da primeira

Diretora Transexual de São Paulo, com colocações que vieram de encontro ao objetivo deste produto, que é provocar no público uma reflexão, bem como persuadi-lo acerca do tema. A duração total do documentário ficou em 52 minutos e 56 segundos.

A gravação em vídeo possibilitou captar as falas dos entrevistados em suas múltiplas dimensões

Para finalização a equipe voluntária do estudo de gravação realizou tratamento de som e imagem. Foi realizada a inclusão de imagens, obtidas de material de arquivos, fornecidas pelos participantes e informações relevantes selecionadas pela autora. Intitulamos o documentário "Diversidade de Gênero e Sexual na Escola: documentando histórias de vida"

3.3. Fundamentação Teórica do Produto

O cinema teve início em 1895 com uma série de filmagens documentais, dentre as mais famosas: "A chegada do trem à estação Ciotat" e "Saída das operárias da Fábrica Lumière. Mas a primeira produção considerada documental e identificada pela prática documentarista foi realizada pelo americano Robert Flaherty que filmou Naruk, o Esquimó, em 1922. (MAGALHÃES JUNIOR, 2010 apud FERNANDES & FERREIRA).

O filme documentário nasceu juntamente com os primórdios do cinema, no final do século passado, quando as imagens fotográficas, em movimento registravam as atualidades em produções de cine-jornais e filmes institucionais, em registros de expedições, de acontecimentos históricos, atos oficiais, cerimônias públicas e privadas da elite, funcionamento de fazendas e fábricas, entre outras documentações. Cineastas como os irmãos Afonso e Paschoal Segreto, Silvino dos Santos, Major Luís Tomás Reis, entre outros, foram os responsáveis pelas primeiras imagens do acervo da história do cinema brasileiro. Imagens das quais restaram apenas vestígios. (RODRIGUES, 2010).

Segundo MORETIN (2009) apud FERNANDES & FERREIRA, as primeiras imagens feitas no Brasil são de autoria do médico, advogado, bicheiro e empresário teatral José Roberto Cunha Salles. Em 27 de novembro de 1897 ele solicitou a patente de um invento denominado "fotografias vivas". Salles juntou à solicitação dois

fragmentos de filmes, 24 fotogramas no total, sendo pioneiro da sétima arte.

O incentivo à produção cinematográfica vinculada à educação privilegiou a produção do documentário. Nos primeiros anos da década de 40, ocorreu uma redução na produção de documentários pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo em virtude da guerra (PEREIRA, 2009). Após este período os documentários educacionais passaram a receber pouquíssimos incentivos. O documentário é um audiovisual de não ficção, captado no mundo natural. Sua função é reconhecida com unanimidade pelos documentaristas que acreditam no objetivo de estabelecer um elo entre os receptores da mensagem transmitida e o realizador da obra, de forma a permitir uma empatia capaz de proporcionar uma reflexão sobre os fatos cotidianos que lhes cercam (ZANDONADE e FAGUNDES, 2003).

Já no final dos anos 50, aqui no Brasil, as pessoas interessadas pela arte cinematográfica só poderiam assistir a raras retrospectivas do cinema americano, francês, italiano e soviético, organizadas por cinematecas cariocas e paulistas. Oportunidade que só teriam indivíduos economicamente e, por consequência, culturalmente privilegiados, como sempre foi o acesso primeiro a todas as artes. Alguns deles se tornaram responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem do cine documentário nacional. Uma nova classe artística cinematográfica que se profissionalizaria em breve. (RODRIGUES, 2010).

Com a rápida evolução da eletrônica e da informática, hoje o vídeo digital está ganhando um mercado cada vez maior na produção cinematográfica. A miniaturização das câmeras, a substituição do sistema analógico pelo digital na captação da imagem e do som e as mais modernas tecnologias de pós-produção estão transformando o filme documentário. É a “era do hibridismo das imagens” (TEIXEIRA, 2007, p. 10), em que vários formatos de vídeo e película se fundem em materiais finalizados com qualidade suficiente para emissões televisivas e projeções em salas comerciais. (RODRIGUES, 2010).

Adotamos para o documentário, a narrativa oral, de um recorte da História de vida dos/as estudantes, professores/as e outros sujeitos que se declaram homossexuais, travestis ou transexuais e da descoberta da homossexualidade e a violência LGBTfóbica. Dar voz a esses sujeitos pelo relato de suas histórias significa

reconstruir os acontecimentos que vivenciaram e transmitir a experiência que adquiriram (PEREIRA, 1998). Através desse tipo de narrativa, afloram as relações do narrador consigo mesmo e com seu grupo social. Nas ciências da educação, autores como Chené (1988), Demartini (1988), Nóvoa e Finger (1988), Kramer e Souza (1994) e Lang (1995), entre outros, consideram as fontes orais – autobiografia, biografia, o depoimento oral, a história de vida, a história oral temática, o relato oral de vida e a narrativa de formação – partes constitutivas da abordagem biográfica, pois integram-se à história oral. Na definição dada por Queirós (1988),

"História oral" é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade (p.19).

No relato da história oral, embora o pesquisador sutilmente dirija o diálogo, o narrador é quem detém o fio condutor dos fatos, episódios e acontecimentos de sua vida (QUEIRÓS, 1988; LANG, 1995; MEIHY, 1996). Na história oral temática (MEIHY, 1996), no relato oral de vida (LANG, 1995), no depoimento oral (QUEIRÓS, 1988) e na narrativa de formação (CHENÉ, 1988), a conversa é conduzida pelo pesquisador objetivando a narrativa de acontecimentos ou temas que interessam mais diretamente ao trabalho.

A metodologia da História de Vida potencializa o diálogo entre o individual e o sociocultural, pois através dela o sujeito mobiliza e expõe seus conhecimentos e valores (NÓVOA e FINGER, 1988).

As narrativas autobiográficas funcionam como contextos de produção de significados pessoais a respeito de situações social e historicamente vividas, criadas no espaço comum das pessoas e estabelecidas nas trocas dialógicas (HERMANS e HERMANS-JANSEN, 1995; QI-WANG e BROCKMEIER, 2002).

A narrativa organiza um discurso, no qual as significações diversas se intercomunicam e, no embate com diferentes interlocutores (reais ou internalizados), formam redes e criam uma realidade social que legitimam os sentidos (DOMINICÉ, 1990).

O documentário fez parte das transformações sociais que ocorrem no mundo e inclusive no Brasil. Acredita-se que o documentário represente um meio de

Comunicação, por meio do qual os indivíduos podem retratar a sua realidade, mobilizar as pessoas do meio em que vivem e, a partir daí, construir novos conceitos e interpretações do mundo, proporcionando assim uma leitura das imagens e sons que permeiam a sociedade de uma forma transformadora. (ZANDONADE e FAGUNDES,2003).

Paulo Baroukh (2011), documentarista, coloca que o documentário é uma forte ferramenta educacional, pois além de transmitir conhecimento, forma uma consciência crítica e estimula a reflexão a respeito dos temas propostos. Envolve todos os tipos de pessoas, independentemente da sua raça, religião ou posição social. Hélio Augusto Godoy, um estudioso contemporâneo sobre documentário, acredita ser na educação que o mesmo encontra a sua identidade essencial e que os documentários são educativos pela sua própria natureza, já que são meios de produção de conhecimento e indica que quando os assistimos, nos empoderamos de seu conhecimento ou parte dele.

Rosenthal (1996) sugere uma estrutura para a construção de um documentário:

1. Definição do título e assunto do filme, sua duração aproximada (formato do filme);
2. Breve apresentação do assunto, para introduzir ao leitor a proposta temática com justificativa, para fazê-lo perceber a importância do filme;
3. Estratégias de abordagem, estrutura e estilo;
4. Diferentes pontos de vista, ponto de conflito entre os depoimentos, estilo de tratamento de som e imagem;
5. Público alvo, estratégias de marketing e distribuição.

Para MITRY, 1989, apud ABDALA JUNIOR, 2006 a imagem fílmica não é uma representação do real, mas o real apresentado na tela, o que faz com que a imagem fílmica possa ser reconhecida pelos códigos culturais de leitura do mundo, da experiência. Segundo o autor o cinema apresenta, entretanto, uma diferença: as imagens, ao serem escolhidas para comporem uma cena e construírem a narrativa, adquirem uma significação específica. Não podemos pensar que a sala de aula é só um espaço onde o professor transmite informações, ela é um local onde alunos e professores desenvolvem o entendimento. O vídeo documentário pode ser bem

trabalhado, tornando-se uma prática pedagógica com uma ação própria que se faz encorajadora da execução do pensamento reflexivo com uma integração da

interdisciplinaridade transformando assim esses alunos em sujeitos autônomos, que poderão enfrentar o mundo de maneira expressiva e mais tolerante.

Os documentários brasileiros de domínio público, em sua maioria estão disponibilizados em sites da internet como o Porta Curtas (<http://portacurtas.org.br/>), o documentariobrasileiro.org (<http://documentariobrasileiro.org/>) e Curta Doc (<http://curtadoc>) referências neste gênero. O Porta Curtas é um site, cujo projeto é abrigar curtas-metragens brasileiros, disponíveis em domínio público com o objetivo de construir um painel representativo da produção nacional de curtas em termos de décadas, técnicas, tendências.

Por dez anos, o Porta Curtas teve patrocínio da Petrobras. Atualmente é patrocinado pelo canal de TV por assinatura “Canal Curta”. O site documentariobrasileiro.org faz um levantamento do documentário realizado no Brasil, desde seus primórdios. A ideia é que subsidie novas pesquisas, tornando-se um atalho para pesquisadores da área. Aqui estão catalogados documentários de todos os tipos, independentemente de sua duração, formato de captação, origem da produção ou experiência do diretor (a). Neste levantamento constam documentários clássicos, premiados, amadores, caseiros e que beiram a fronteira com outras categorias. Já o Curta Doc é um espaço dedicado ao documentário latino-americano.

Uma busca realizada nos três sites, com as palavras-chave: “diversidade de gênero”; “LGBT”, “identidade de gênero”; “orientação sexual”; “Gay” no período de 2000 a 2019, foram encontrados 17 documentários brasileiros que abordam tais temáticas (ANEXO 13). Entretanto, nenhum deles faz referência a vida escolar de homossexuais, o papel da escola na formação destes indivíduos, o respeito as diferenças no ambiente escolar, enfim, o impacto desde universo na vida de homossexuais. Desta forma, o documentário proposto apresenta uma abordagem ainda não discutida ou não retratada em documentários nacionais.

3.4 Metodologia de Validação

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza aplicada, de uma produção fílmica, caracterizada por um processo de desenvolvimento e criação de um produto em essência educacional, uma vez que houve a construção de um documentário a ser exibido em escolas para incentivar a discussão e a reflexão a respeito da diversidade de gênero.

A pesquisa qualitativa tem compromisso com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (MINAYO, 2001) e a pesquisa aplicada em gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos (GIL, 2009). Quanto aos objetivos, a pesquisa tem caráter exploratório, que tem como foco a definição do cenário da aplicação em seu contexto preliminar e atual.

3.4.1 Amostra

Professores

O primeiro grupo escolhido para validação do documentário foram professores que compõem o Grupo do Laboratório de Pesquisa, Estudos e Extensão em Gêneros, Sexualidades e Raça em Educação e em Direitos Humanos (GE-SER) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O referido grupo desenvolve estudos, pesquisas e atividades de extensão sobre temas que abordam gênero, sexualidades e raça nos campos da Educação e Direitos Humanos, numa perspectiva trans/interdisciplinar. Atualmente, o grupo conta com 35 (trinta e cinco) pesquisadoras e pesquisadores de instâncias diferentes: universidade, movimentos sociais, ativismos e professores da rede pública, além de alunas, alunos de cursos diversos. Quatro participantes do GE-SER foram selecionados para validação do documentário. Dentre estes, 02 são professores de Ciências, 01 é professora de História e 01 psicóloga. Dos quatro, dois lecionam na Escola Estadual Júlia Kubitschek, no Curso de Formação de Professores/as, local onde foi apresentado aos mesmos o documentário. Estes professores foram escolhidos pela larga experiência docente no Ensino Médio – especificamente na modalidade formação de professores e por

estarem familiarizados com leituras e discussões a respeito da temática abordada no documentário. O objetivo da validação com este grupo de professores foi obter uma visão crítica sobre a abordagem escolhida para o tema, sobre a linguagem adotada e a possibilidade de adequação do documentário para uso no ambiente escolar.

Alunos

O segundo grupo escolhido foi o de alunos, público-alvo principal do produto educacional elaborado nesta dissertação. Participaram 24 alunos e alunas (Figura 5) do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Mestre Hiram, situada no centro do Município de Nova Iguaçu. Os/as alunos/as assistiram ao documentário em uma das salas de aula da referida escola.

A Escola Estadual Mestre Hiram foi escolhida porque a pesquisadora leciona na mesma, fator este que facilitou a realização da validação. A escola funciona com turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, em 02 turnos: manhã e tarde. São 8 turmas com o total de 245 alunos e 21 professores. Está localizada no centro de Nova Iguaçu- RJ, na Via Light em um prédio cedido pela Maçonaria. Esta escola é considerada uma escola pública diferenciada pela sua clientela, pois abriga alunos dos mais variados bairros da cidade, bem como de outras localidades. É muito procurada pelos responsáveis, pois todos a consideram uma escola com disciplina e educação de qualidade.

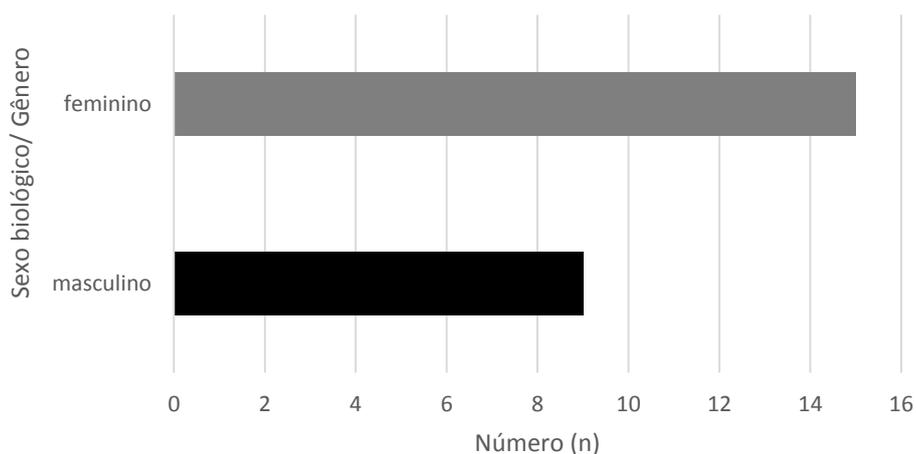


Figura 5. Distribuição de participantes do grupo de alunos/as quanto ao sexo biológico e ao gênero

3.4.2 Coleta de Dados

Antes de iniciar a apresentação do documentário a pesquisadora esclareceu a todos os participantes que se tratava de um documentário piloto a respeito da diversidade de gênero na escola e que a opinião de cada um dos participantes seria de grande importância para a qualidade do exemplar final do mesmo.

O instrumento de coleta de dados adotado foi o questionário. Os professores/as participantes responderam a 12 assertivas, cujas respostas seguem o modelo da escala tipo de “Likert”. Este tipo de escala está baseado no princípio de que a atitude geral do/a entrevistado/a remete às crenças sobre o objeto a ser investigado, assim a questão é constituída por afirmações relacionadas ao objeto pesquisado (SILVEIRA *et al* 2010). Os/as participantes não respondem apenas se concordam ou não com as afirmações, mas também informam, qual o seu grau de concordância ou discordância sobre o assunto em uma escala de cinco pontos. Na escala, os cinco pontos correspondem: 1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo parcialmente; 3 - Indiferente ou Neutro; 4 - Concordo parcialmente; 5 - Concordo totalmente. As assertivas versavam sobre adequação ao público-alvo, entendimento do tema abordado, contribuição do documentário para reflexão, coerência do roteiro, tempo de duração, identificação com o documentário, dentre outros (ANEXO 2).

O questionário dos/as alunos/as foi construído com assertivas bem semelhantes às dos/as professores/as, mas de forma mais objetiva, direta e com uma linguagem mais simples. Seguiu o mesmo padrão de resposta, com uso de escala de Likert e no final apresentava uma questão aberta solicitando que deixassem um comentário sobre o documentário (ANEXO 3).

Após a apresentação do documentário foi solicitado aos participantes que respondessem ao questionário com garantia de anonimato.

3.4.3 Análise de Dados

As respostas das perguntas fechadas foram quantificadas em planilha de Excel e expressas na forma de gráficos e tabelas. As questões discursivas foram analisadas e discutidas no texto de forma qualitativa.

3.4.4. Ética na Pesquisa

Toda e qualquer pesquisa realizada com seres humanos requer a apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa, visando preservar a integridade dos sujeitos envolvidos, sendo um direito dos participantes. Este estudo seguiu as normas da Resolução nº. 466/2012 que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 5). Aos participantes garantiu-se a liberdade de deixar de participar da pesquisa a qualquer momento. A dissertação está protegida eticamente pelo protocolo de aprovação de número de CAAE 49593515.0.0000.5283.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente o documentário matriz, intitulado “Diversidade sexual e de gênero na escola: documentando histórias de vida” com, aproximadamente, 59 minutos de duração foi apresentado aos participantes com uso de equipamento de projeção de áudio e vídeo em uma sala de aula em espaços distintos (ver seção “Amostra”). O documentário inicial apresentava somente os participantes respondendo as questões do roteiro semiestruturado de entrevista (ANEXO 4). Os sujeitos desta pesquisa (professores/as e alunos/as) avaliaram somente o documentário matriz.

Em virtude de uma amostra pequena de professores/as (4), as respostas dos professores ao questionário, embora expressa em gráficos, apresentam um caráter unicamente qualitativo. Para este grupo, o documentário parece apresentar uma boa narrativa, um bom argumento e sensibiliza para reflexão, já que os quatro participantes concordaram (totalmente ou parcialmente) com as assertivas A, B, N e O (Figura 6). A diversidade sexual é um tema atual que necessita, de fato, de uma ampla discussão e é na escola que ela deve ser abordada, na coletividade, no seu grupo social, com informações fundamentadas. Segundo SILVA (2013), os indivíduos precisam se “humanizar”, conhecer direitos, desenvolver aspectos sociais da vida cidadã, manifestar suas inquietudes e conquistar referências de respeito mútuo, especialmente entre as chamadas minorias sociais. Ressignificar valores como a ética, o respeito ao outro e atitudes práticas de combate aos estereótipos de gênero

são possibilidades educacionais necessárias para que os comportamentos citados sejam revistos e (re) avaliados na vida social e cultural, e, finalmente, as imposições ideológicas e simbólicas entrem em debate.

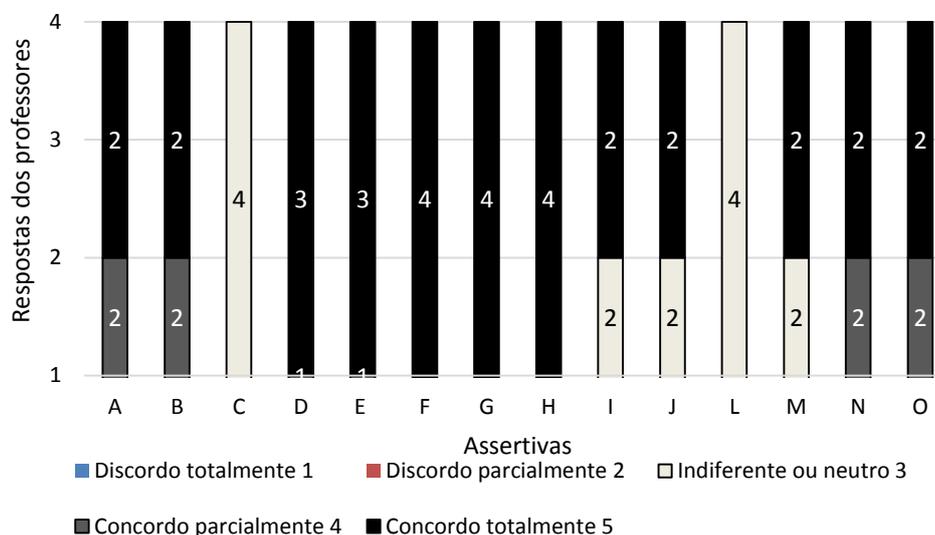


Figura 6. Resposta dos professores/as ao questionário pós-apresentação do documentário

Quanto à pesquisa para elaboração do documentário (D), a estética do filme (E), apresentação de trabalho de edição (F), a ética com os participantes (G) e a sustentação do ponto de vista durante todo o filme (H), os participantes concordam totalmente e de forma unânime. Um documentário registra muito além do que “a vida como ela é”, do “acesso à verdade, do “ser imparcial e objetivo”. É um produto de um encontro social, logo sujeito a interpretações e pontos de vista de quem filmou ou roteirizou. O documentário é uma obra aberta, experimental, criativa e de vanguarda (TOMAIM, 2009).

Por outro lado, os pontos que receberam um olhar crítico, embora generoso, dizem respeito ao aspecto inovador e criativo (assertiva C) na forma de apresentar o tema e o tempo de duração (assertiva L). A proposta de um documentário não é ser em essência inovador, mas criativo no acesso as memórias afetivas evocadas. Trata-se de um recolher de imagens, sons, traços do real, que no dia seguinte viram passado e são esquecidos. A inovação está no recorte do aspecto escolar da vida dos participantes. Esta abordagem é inédita e talvez não tenha ficado clara para os sujeitos da pesquisa que validaram o documentário matriz. Um documentário é

considerado um filme de resistência de todo o cinema não-ficcional, assim como o respeito a diversidade de gênero (SEIXAS, 2003).

Quanto ao tempo de duração, a assertiva “L” versava: “o tempo do documentário é adequado”. Os quatro participantes se mantiveram neutros, o que sugere a autora que o tempo de 59 minutos de duração precisa ser revisto. Considerando o tempo escolar de 50 minutos, o/a professor/a teria que dispor de dois tempos de aula para fazer uso do documentário e abrir uma discussão após a apresentação do mesmo ou para uma atividade pós-fílmica. Um tempo menor pode ser mais adequado para maior adesão ao ambiente escolar e para uma maior retenção da atenção dos alunos. Entretanto, o que se observa no cenário diário da atualidade é que a atenção tem sido alvo de uma diversidade incalculável de apelos, situações e informações, gerando, muitas vezes, certa dificuldade de concentração (DE-NARDIM, 2008).

ROMAGNANE (2008) diz que é preciso um olhar atento e crítico para a mensagem transcrita em imagens e sons e propor na sequência de sua veiculação uma detalhada avaliação sobre a película. Essa capacidade de extrair de um filme subsídios para acrescentar a aprendizagem do espectador cabe ao educador com seu olhar atento e direcionado a temática.

Fragmentar em dias alternados a exposição do filme e uma discussão/atividade posterior perde o impacto de resgate das memórias, podendo desfavorecer a discussão. É preciso considerar que em situações escolares demanda-se uma atenção concentrada, detida e polarizada, necessária para o processo de aprendizagem.

A assertivas relativas a linguagem adequada ao público-alvo e a exigência de conhecimentos prévios para acompanhar o documentário (I e J) dividiu a opinião dos professores. Este aspecto requer uma revisita por parte da pesquisadora para uma reavaliação e adequação da mesma.

O tempo de duração também parece ser um aspecto a ser reconsiderado, de acordo com as respostas dos alunos, já que oito alunos se mantiveram neutros para esta assertiva (V). Embora 16 tenha concordado com a adequação do tempo (somando concordo totalmente com parcialmente), oito concordaram parcialmente, o que pode ser um indicativo de inadequação do tempo (Figura 7). Ao final do questionário, havia um espaço para observações a respeito do documentário, cuja

resposta não era obrigatória. Entretanto todos/as os/as alunos/as preencheram este espaço discursivo. O discurso do aluno/a E corrobora este resultado:

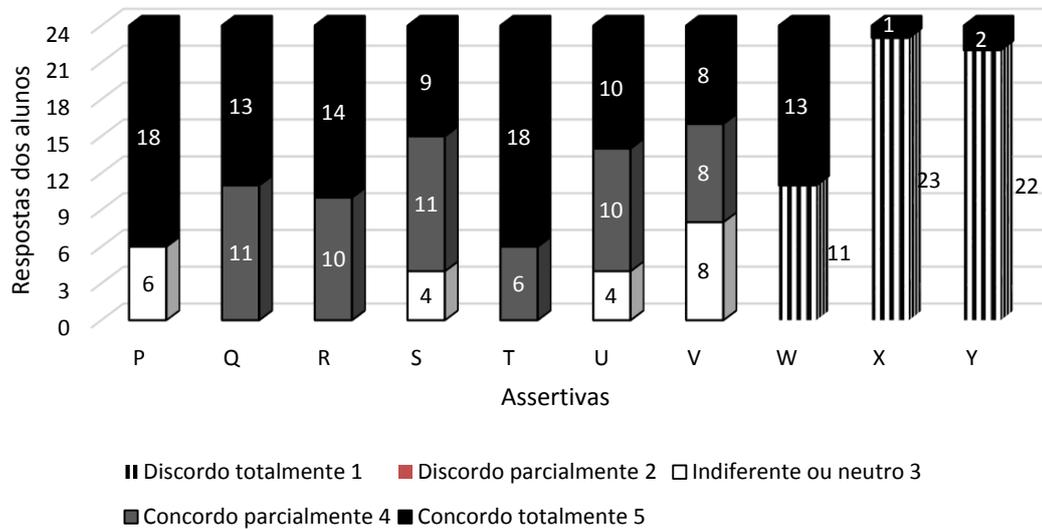


Figura 7. Resposta dos/as alunos/as ao questionário pós-apresentação do documentário

- "O documentário deixou bem explícito o assunto abordado de forma a ser bem fácil o entendimento do assunto, gerando até mesmo uma discussão amigável entre o público. Porém há seus prós e contras. Um contra seria o tempo do documentário, por ser bem comprido, aumenta o tempo, mas gera um desconforto em certas pessoas por causa do tempo, mesmo assim, o tempo foi indispensável para conseguir amarrar bem o assunto..." (aluno/a E)

Somando na escala as respostas para concordo plenamente e concordo totalmente, para os/as alunos/as este é um bom tema a ser abordado (assertiva R) e possui um alto grau de entendimento (assertiva Q). O discurso do aluno/a A ilustra bem a concordância com esta assertiva:

- " Muito bom este documentário. Tira a maioria das dúvidas das pessoas LGBTQ+. Muito bem articulado e estruturado, deixa as próprias pessoas contarem suas histórias confortavelmente. Este é um tema que deveria ser mais abordado nas escolas. Este documentário faz uma ótima abordagem " (aluno/a A).

O/a aluno/a D afirma que:

- "Eu acho muito interessante e deveria haver mais documentários sobre isso".

O vocabulário (P) parece estar adequado para 18 alunos/as, mas cabe uma revisão, já que seis se mantiveram indiferentes. Definir alguns conceitos, trazer informações adicionais que agreguem informações aos depoimentos dos participantes do documentário pode ser uma proposta de adaptação do vocabulário.

Quanto a contribuição para os estudos (S), quatro alunos/as julgaram que o documentário não acrescentou informações para seus estudos e 11 concordaram parcialmente. Seria necessário um aprofundamento maior a respeito desta assertiva para um melhor entendimento sobre o que esses/as alunos/as entendem como “contribuir para os estudos”. Seriam a contribuição para as matérias curriculares ou para sua formação geral? Cabe uma futura investigação. Estes dados vão ao encontro da discordância de 23 alunos/as para a assertiva “Foram apresentados termos que eu desconheço” (X). Em síntese, podemos inferir que a relação entre essas duas respostas pode ser definida da seguinte forma: “se o documentário não apresentou termos que eu não conheço, não contribuiu para os meus estudos.

Diante disso, é preciso que a comunidade escolar esteja atenta as informações que chegam até os/as alunos/as. A sociedade vem determinando, sob influência da cultura contemporânea, papéis sociais diferenciados para homens e mulheres. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. Para FURLAN, (2010) a escola não é a única transmissora de modelos ideologicamente dominantes, mas tem um papel importante nesta transmissão, o que torna extremamente relevante colocá-la como objeto de estudo, para se verificar o quanto ela está impregnada de preconceitos ideológicos velados.

O documentário emocionou 13 dos 24 alunos/as. As emoções (W) são o suporte básico e necessário para funções cognitivas e executivas da aprendizagem (FONSECA, 2016). Sem emoção a aprendizagem fica comprometida. As emoções estão intrinsecamente envolvidas nas funções de atenção, de significação e de relevância social, relacional e motivacional que atravessam as várias fases do processo de aprendizagem (WILLS, 2010). Assim, 13 alunos/as foram afetados pela emoção.

A assertiva Y versava sobre a identificação, de alguma forma, com o documentário. Dois alunos declararam se identificar plenamente com o argumento e as histórias apresentadas, embora não tenham se declarado com orientação LGBT

na identificação do questionário.

- "*Eu gostei bastante, pois me fez não me sentir só, já que me identifico como membro LGBTQ+, acho que esse documentário contribuirá para um futuro sem preconceitos, ajudando a acabar com algumas ideias erradas, sobre a identidade de gênero*" (aluno/a C)

Os demais não se identificaram diretamente com a temática.

Ademais, os/as alunos/as conseguiram perceber a postura ética e o respeito para com os/as participantes do documentário (assertiva T), já que todos/as concordaram (plenamente ou parcialmente) com a assertiva. A sequência do roteiro foi apontada por quatro alunos/as como uma assertiva neutra, não concordam e nem discordam da sequência de depoimentos adotada. Os cortes em algumas entrevistas durante a edição, pode ter influenciado neste resultado.

Inês Assunção de Castro Teixeira (2006), em sua obra, diz que:

"Ver filmes, discuti-los, interpretá-los é uma via para ultrapassar as nossas arraigadas posturas etnocêntricas e avaliações preconceituosas, construindo um conhecimento descentrado e escapando às posturas naturalizantes do senso comum" (p. 08).

De acordo com os/as alunos/as F e B, o documentário:

"Acho interessante trazer para a escola esse tema polêmico que muito tem sido debatido ultimamente. Os adolescentes cada vez mais, não tem entendido seus desejos e sentimentos. Acho fundamental este tipo de material, mostrar influências, etc " (aluno/a F).

"É um documentário excelente, com uma abordagem que precisa ser mais comentada, para determos o preconceito nas escolas, em casa e nas ruas " (aluno/a B)

Não é o filme na escola que provoca mudanças, mas o uso que se faz dele, as discussões levantadas, a forma como é interpretado, a postura do professor frente à escolha, a relação com seus alunos e com a instituição escolar como um todo. De acordo com MELLO (2006),

“Uma narrativa que possui uma forma ideológica inerente e determinada socialmente, revelar e tornar consciente, para o sujeito, o mundo em que está inserido e a posição que integra. Portanto, o espectador não é visto como uma testemunha ocular, alguém que confirma e comprova o que ocorreu em “frente a seus olhos”, mas um indivíduo que, ao interagir com o que vê, percebe, sente, revive momentos e sensações, faz um retrospecto, memoriza, elabora e reelabora significados, dando sentido ao que é visto, pensando e repensando, gerando reflexões” (p. 83).

Diante destes resultados, o documentário matriz foi revisitado e reavaliado pela autora. Ajustes foram realizados para que o documentário pudesse atender ao máximo as sugestões coletadas durante a validação. A escaleta (Tabela 1) se refere ao documentário pós análise de validação, ou seja, ao documentário final, intitulado “A escola respeita a diversidade de gênero? Documentando histórias de vida”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre a diversidade sexual e de gênero ocorre desde meados dos anos de 1970, no meio social, e só recentemente vem chegando timidamente ao meio escolar, devido à forte pressão dos grupos feministas e dos grupos LGBT que lutaram e lutam contra a exclusão nos espaços públicos, políticos e institucionais. Portanto, coloca-se o desafio de desenvolver uma educação inclusiva e democrática, respeitando as diversidades, acolhendo as diferenças, criticando a heteronormatividade que estigmatiza as pessoas LGBT (GOMES et al, 2010).

Nos últimos anos, o Estado brasileiro tem promovido uma série de medidas visando ao enfrentamento, por meio da educação, de todas as formas de discriminação e a constituição de uma cultura dos direitos humanos. A diversidade não significa apenas reconhecer outros e outras como diferentes, mas refletir sobre as relações e os direitos de todos/as. E a escola é o espaço sociocultural em que as diferentes identidades se encontram e se modelam, caracterizando-se, portanto, como um dos lugares mais importantes para se educar com vias ao respeito à diferença. (RONDELLI e COUTINHO, 2008).

Entende-se que a escola que tem a sua função social imbricada no educar, precisa trabalhar projetos voltados para as questões de gênero, sexualidade e educação, desde a educação infantil, pois ainda no âmbito social ainda se propaga

regras que não são mais consideradas corretas como escolher o azul para os meninos e rosa para as meninas, menino não arruma cozinha e a menina não pode brincar de carrinho. (LOURO, 1997 apud MONKEN, 2014)

A orientação sexual e a sua manifestação são um direito do cidadão. Se tal direito e visibilidade ainda sofrem aversões de setores políticos e sociais de grande representatividade, resta-nos questionar as formas de discriminação mais próximas, nas quais possamos intervir de forma contundente e imediata. Entende-se que a escola é um dos espaços onde ainda é possível discutir sobre homofobia e sua constituição como preconceito heterossexista. (MONKEN et al, 2014).

Hoje podemos contar com um Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, o único curso no País, oferecido pela UFBA (Universidade Federal da Bahia). O curso dirige-se para a compreensão dos fenômenos políticos e sociais pertinentes à relação de gênero e questões ligadas ao respeito à diversidade.

O Documentário proposto não é um filme vazado de qualquer implicação. Ele sempre se posiciona como um gênero em que o essencial é estimular uma reflexão sobre o mundo (PENAFRIA, 1999 apud Melo, 2002).

Segundo Walter Benjamin (2000, p.204) “quanto maior for a naturalidade com que os depoimentos acontecem diante da câmera, mais facilmente a sua história será incorporada à experiência do espectador que, dificilmente, irá resistir a recontá-la.

Acreditamos que o documentário produzido poderá ser uma ferramenta, para que professores possam disparar a discussão da diversidade sexual e de gênero em sala de aula. O seu caráter educativo e reflexivo, pode gerar construções e desconstruções de olhares de nossos/as alunos/as para uma mudança de comportamento por parte de todo sistema educacional.

No Brasil ainda há muita objeção aos debates sobre o tema da diversidade de gênero, visto que a nossa sociedade está ligada, em sua maioria pela religião, a qual afirma princípios de natureza austera as diferenças identitárias, como os transgêneros, por exemplo.

Deve-se ressaltar que o reconhecimento dos governantes do País para a criação de Políticas Públicas para a educação sem homofobia é um dos passos mais relevantes no processo. Os demais serão de interesse das escolas, dos professores, da comunidade e da inserção dos projetos pedagógicos voltados para essa área. (MONKEN et al, 2014).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Rosângela Neto de. **Homofobia: como trabalhar o respeito e a diversidade sexual na escola**. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1977>. Acesso em: 13/01/2015, 13:08.
- ALMEIDA, Edileuson. RIBEIRO, Ana Cláudia Oliveira. **Comunicação comunitária: produção de vídeos-documentários com a participação de acadêmicos e da comunidade em Boa Vista**. VIII Encontro nacional de Histórias da Mídia. Unicentro. Guarapuava – PR, 28 a 30 de abril de 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/comunicacao%20comunitaria.pdf/at_download/file. Acesso em: 05/05/2018.
- AVILA, A. H, TONELI, M. J. F & ANDALÓ, C.S de A. (2011). **Professores/as diante da Sexualidade-Gênero no Cotidiano Escolar**. Psicol. Estud. 16 (2), 289-298.
- BARBOSA, Rita Cristiana et al. **Gênero e educação: uma experiência educativa de sensibilização contra a violência sexual e homofóbica no município de Bananeiras**. Disponível em: <http://itaporanga.net/genero/3/07/21.pdf> Acesso em: 12/07 2015.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. v.3. (segunda reimpressão). São Paulo: Brasiliense, 2000
- BORRILHO, Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual na escola**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão UFRJ, 2008.
- BORGES, Zulmira Newlands. PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. OHLWEILER, Mariane Inês. BULSING, Muriel. **Percepção de professor de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa maria (Rio Grande do Sul/Brasil)**. Disponível em www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a03.pdf. Acesso em: 14/01/2015, 14:10
- BRAGA, IF, OLIVEIRA, WA, SILVA, JL, MELLO, FCM, SILVA, MAI. **Violência familiar contra Adolescentes e Jovens Gays e Lésbicas: um estudo qualitativo**. Revista Brasileira de Enfermagem- REBEn. 2018
- BRAGA, Keith Daiani da Silva. RIBEIRO, Arilda Inês Miranda Ribeiro. **Vigilância de gênero e homofobia no espaço da escola: o que dizem as narrativas dos livros de Ocorrência?** Disponível em: www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GTB_KeithDaianidaSilvaBraga.pdf. Acesso em 13/01/2015, 18:30
- BRASIL SEM HOMOFOBIA. **Diretrizes do programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual**. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Conselho nacional de combate à discriminação. Disponível em : http://www.mj.gov.br/sedh/documentos/004_1_3_pdf
- CAMARGO, A. de, MARIGUELLA, M. **Cotidiano Escolar**. Piracicaba: Jacintha, 2007

- CARDOSO, Oldimar Pontes. **A educação para a cidadania entre passado, presente e futuro.** Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8462/4927>. Acesso em: 13/01/2015, 18:30
- CARRARA, Sérgio (et al). **Curso de especialização em Gênero e Sexualidade.** Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, 2010.
- CRUZ, Elizabete Franco. **Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola.** Revista Psicologia Política. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X201100010>. Acesso em: 14/01/2015, 14:33
- DE-NARDIM. Aprendizagem da atenção: uma abertura à invenção. **Revista Iberoamericana de Educación.** n.º 47/4, 2008
- FAZANO, Luciana Cristine et al. **Homofobia na escola: o discurso indiferente ao aluno diferente.** Disponível em: <http://www2new.assis.unesp.br/index.php/revista/article/view/226/255> Acesso em: 11/11/2015.
- FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **Por uma Genealogia do Conceito Homofobia no Brasil: da luta política LGBT à um campo de governança.** Passages de Paris 7 (2012), 97-104. Disponível em www.apebfr.org/passagesdeparis. Acesso em: 18/10/2018.
- FONSECA, V. **Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica.** Rev. Psicopedagogia. vol.33 no.102 São Paulo , 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque & J.A. Guilhon Albuquerque, 15ª ed. Rio de Janeiro: Graal. 2003.
- _____. **Vigiar e Punir.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987
- FURLAN, C. Além das aparências: gênero e corpo no cotidiano da educação física escolar. **Revista Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, n. 4. 14, 2010
- GESSER, Marivet (et al). **Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. SP. Volume 16. Nº 2. Julho/Dezembro de 2012: 229-236.
- GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso** – São Paulo: Atlas, 2009
- GOMES, Maria Helena dos Santos. (et al). **Amanda e Monick na Escola.** Disponível em: www.prac.ufpb.br/anais/XIIENEX_XIIIENID/ENEX/PROBEX/completos/4/4CEDHPP E02.doc. Acesso em: 11/10/2017, 15:48

- GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Panorama do documentário no Brasil** – Centro Universitário do Norte – Uninorte/Amazonas. 2006. P.79-91. Disponível em: www.doc.ubi.pt/01/artigo_gustavo_soranz_brasil.pdf. Acesso em: 21/12/2018.
- HEILBORN, Maria Luiza. CARRARA, Sérgio. ROHDEN, Fabíola. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em Gênero, sexualidade e orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Caderno de atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.
- HEREK, Gregory M. in CARRARA, Sérgio (et al). **Curso de especialização em Gênero e Sexualidade**. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, 2010.
- HOHENDORFF, Jean Von et al. **Produção e utilização de um documentário sobre violência sexual contra meninos**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11700> Acesso em: 15/07/2015.
- JUNIOR, Roberto Abdala. **O cinema: outra forma de “ver” a história**. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/deloslectores/1244abdala.pdf>. Acesso em: 06/05/2018
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO. 2009.
- _____. **Currículo, Cotidiano escolar e heteronormatividade em relatos de professores da rede pública**. Disponível em: <http://www.yumpu.com/pt/document/view/12491094/curriculo-cotidiano-escolar-e-heteronormatividade-em-relatos-de-professores-da-rede-publica> Acesso em: 21/01/2015, 15:40
- _____. **Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico**. Espaço do currículo, v.2, n.2, pp 208-230, setembro de 2009 a março de 2010.
- LEI 8.069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Ministério da Educação. Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC.
- LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado- Pedagogias da Sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte. 2000.
- LUCENA, L.C. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. Ed. Summus, 2012.
- MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. p.09-29. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

- MONKEN, Eliane M. Freitas et all. **Educação sem Homofobia: um olhar para a diversidade.** E99PED02. Ed.9. Novembro de 2014. Disponível em: <http://blog.newtonpaiva.br/pos/educacao-sem-homofobia-um-olhar-para-a-diversidade>. Acesso em: 18/03/2016.
- MORAES, Ana Alcídia de Araújo. **História de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente.** Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/44-artigos-moraesaaa.pdf> . Acesso em: 22/08/2015.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- NOGUEIRA, Ivone da Silva Cunha. **Educação, cidadania e violência nas escolas: desafios dos nossos tempos.** Disponível em: www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/viewfile/760/662. Acesso em: 14/01/2015, 14:33.
- OLIVEIRA, João Ferreira de. MORAES, Karine Nunes. DOURADO. **Políticas e Gestão na Educação - Função Social da Educação e da Escola.** Disponível em: escoladegestores.mec.gov.br/site/4-sala_politica_gestao_escolar/.../saibamais-8.pdf. Acesso em 27/02/2018, 14:15
- OLIVEIRA, Tony. **Educar para conviver.** Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental-arquivo/educar>. Acesso em: 13/01/2015, 14:04
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário.** Disponível em: www.doc.ubi.pt/06/artigo_serpio_puccini.pdf . Acesso em 31/05/2015, 10:15
- REIS, Roberto Alves. **Diversidade sexual na sala de aula.** Revista Presença Pedagógica. v 15, n.85. jan/fev. 2009.
- RENNES, Paulo. RIBEIRO, Marçal. **História da Educação Escolar no Brasil: notas para uma reflexão.** Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&ip=S0103-863X1993000100003. Acesso em: 05/10/2017, 15:20.
- RODRIGUES, Flávia Lima. **Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro.** CES Revista, v.24, Juiz de Fora, 2010.
- ROHDEN, Fabíola. ARAÚJO, Leila. BARRETO, Andreia. Org. **Os desafios da Transversalidade em uma experiência de formação on line: curso Gênero e Diversidade na Escola.** Rio de Janeiro: CEPESC, 2008.
- ROMAGNANI, P. Cinema em cena: **Revista A&E: atividades e experiências.** Curitiba, 4, 45,2008.

- SCOTT, J. **Gênero, uma categoria útil para análise histórica**. Recife. SOS Corpo, 1991
- SEIXAS, Jacy Alves de. **Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jeca macunaímico**. In: GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA, Márcia R. Capelari; LOPES, Maria Aparecida de S. (Orgs.). **Fronteiras: paisagens, personagens, identidades**. Franca: UNESP; São Paulo: Olho D'Água, 2003. p.161-183.
- SILVA, Odair Vieira da. **Trajetória histórica da Educação Escolar Brasileira: análise sobre as políticas públicas de educação em tempo integral**. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. Ano VIII, nº16 - julho de 2010. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/RZlpLbZvikizltb_2013-7-10-12-0-56.pdf. Acesso em: 30/03/2018
- SILVA, Marcela Lima da Silva. CARVALHAES, Flávia Fernandes de. **Gênero e Sexualidade: o que a escola tem a ver com isso?** Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/4.MarcelaLima.pdf>. Acesso em: 17/10/2018
- SILVA, A. **Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social**. Revista Nufen [online]. v.5, n.1, janeiro-julho, 12-25, 2013.
- SILVEIRA, T, S, J., SILVA, B, R., SMOLARECK, D, R., FERRARI, A, A. **Avaliação da Ambiência Interna da URI Santiago Através da Escala de LIKERT Modificada Para Fins de Planejamento Estratégico**. X Colóquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur. Mar del Plata. Mar del Plata. Argentina. 2010
- SOUZA. A. M. F.L.; Lima, L.T. **Práticas Educativas “atravessadas” pelo gênero: percepções de docentes sobre identidades de meninos e meninas**. IN: Formação pela Pesquisa: desafios pedagógicos, epistemológicos e políticos. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/174/1/Formacao%20pela%20pesquisa.pdf>
- SOUZA, Hélio Augusto Godoy, **Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fonte de conhecimento**. São Paulo: Annablume: Fapesp,2001.
- TOMAIM, C.S. O Documentário Como Chave Para A Nossa Memória Afetiva. Intercom. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** 54 São Paulo, v.32, n.2, p. 53-69, jul./dez. 2009
- WILLIS J. **Current impact of neuroscience on teaching and learning**. In: Sousa DA, ed. Mind, brain & education. Bloomington: Solution Tree Press; 2010.
- ZANDONADE, Vanessa. FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. 2003. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanesa-video-documentario-html>. Acesso em: 18/06/2016, 15:34

ANEXO I



Duque de Caxias, 22 de outubro de 2015.

Do: Comitê de Ética em Pesquisa da UNIGRANRIO

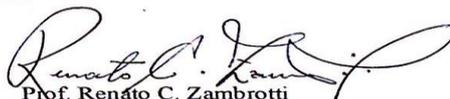
Para pesquisadora Principal: Luizete Pereira de Carvalho

Orientadora: Profª. Dra. Andrea Velloso

O Comitê de Ética em Pesquisa da UNIGRANRIO, após avaliação considerou **aprovado** o projeto de pesquisa **"GAYS NA ESCOLA : DOCUMENTANDO HISTÓRIAS DE VIDA"**, protocolado sob o número de CAAE 49593515.0.0000.5283, encontrando-se a referida pesquisa e o Termo de consentimento Livre e Esclarecido em conformidade com a Resolução N.º 466, de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisa envolvendo seres humanos.

Os pesquisadores deverão informar ao Comitê de Ética qualquer acontecimento ocorrido no decorrer da pesquisa.

O Comitê de Ética em Pesquisa solicita a V. Sª., que ao término da pesquisa, conforme cronograma apresentado, encaminhe a este comitê um sumário dos resultados do projeto, a fim de que seja expedido o certificado de aprovação final.


Prof. Renato C. Zambrotti
Coordenador do CEP-UNIGRANRIO


Andrea Peter Christo Gomes
Secretária do CEP/UNIGRANRIO

ANEXO II

AVALIAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

"Diversidade de Gênero na Escola: documentando histórias de vida"

CRITÉRIOS	1	2	3	4	5
A-Narratividade (o documentário consegue contar uma história de maneira coerente e agradável; apresenta um fio condutor)					
B- Argumento - o documentário tem um tratamento adequado em relação ao argumento. Ele mostra para que veio.					
C- Inovação (o documentário é inovador e criativo na forma de abordar o tema)					
D- Pesquisa (o documentário demonstra que houve uma pesquisa para a sua elaboração)					
E- Estética (sua abordagem do "real" é adequado em relação ao tratamento proposto da temática)					
F- Edição (o documentário demonstra que houve um trabalho de edição)					
G- Ética (o documentário assume um compromisso ético com os personagens sociais e o cumpre até o final. Tem uma postura adequada com os entrevistados)					
H- Ponto de vista (o documentário apresenta um ponto de vista e consegue sustentá-lo ao longo de sua duração)					

I- Há exigência de conhecimentos prévios do(a) aluno(a) para acompanhar o documentário					
J- Linguagem (Há adequação ao público-alvo)					
L- Duração (o tempo é adequado)					
M- O documentário provoca busca, polêmica ou pesquisa.					
N- O documentário sensibiliza provocando a reflexão.					
O- Motivação (motiva o(a) aluno(a) o interesse por leituras mais amplas)					

Sendo:

01 – DISCORDO TOTALMENTE 02 – DISCORDO PARCIALMENTE

03 – INDIFERENTE OU NEUTRO 04 – CONCORDO PARCIALMENTE

05 – CONCORDO TOTALMENTE

PROFESSOR/A : _____ DISCIPLINA: _____

ANEXO III**VALIDAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO****ALUNOS/AS****P- VOCABULÁRIO ADEQUADO A FAIXA ETÁRIA**

- DISCORDO TOTALMENTE DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE OU NEUTRO CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

Q- HÁ UM GRAU DE ENTENDIMENTO DO TEMA ABORDADO

- DISCORDO TOTALMENTE DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE OU NEUTRO CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

R- TEMA ABORDADO É BOM

- DISCORDO TOTALMENTE DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE OU NEUTRO CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

S- CONTRIBUIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO PARA O ESTUDO DO TEMA

- DISCORDO TOTALMENTE DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE OU NEUTRO CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

T- O DOCUMENTÁRIO TEM UMA POSTURA ADEQUADA COM OS ENTREVISTADOS

- DISCORDO TOTALMENTE DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE OU NEUTRO CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

U- A SEQUÊNCIA DO ROTEIRO TEM COERÊNCIA E ESTÁ BEM AMARRADA

- DISCORDO TOTALMENTE DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE OU NEUTRO CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

V- TEMPO DE DURAÇÃO

- DISCORDO TOTALMENTE DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE OU NEUTRO CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

W – O DOCUMENTÁRIO TE TROUXE EMOÇÃO

- DISCORDO TOTALMENTE DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE OU NEUTRO CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

X- FORAM APRESENTADOS TERMOS QUE VOCÊ DESCONHECE

- DISCORDO TOTALMENTE DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE OU NEUTRO CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

Y-VOCÊ SE IDENTIFICOU DE ALGUMA FORMA COM O DOCUMENTÁRIO

- DISCORDO TOTALMENTE DISCORDO PARCIALMENTE
 INDIFERENTE OU NEUTRO CONCORDO PARCIALMENTE
 CONCORDO TOTALMENTE

DEIXE UMA OBSERVAÇÃO SOBRE O DOCUMENTÁRIO:

ANEXO IV



ROTEIRO ENTREVISTA

- 01 - QUAL ARTIGO (EX: O, A) VOCÊ PREFERE QUE SE REFIRAM A VOCÊ?
- 02 - FOI DURANTE SUA VIDA ESCOLAR/ACADÊMICA QUE VOCÊ SE ASSUMIU? EM QUE PERÍODO ISSO ACONTECEU?(EX: ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO, GRADUAÇÃO)
- 03 - QUEM FOI A PRIMEIRA PESSOA QUE VOCÊ CONTOU? COMO FOI?
- 04 - QUAIS FORAM AS MAIORES DIFICULDADES E MEDOS QUE VOCÊ TEVE? OS MEDOS CONTINUAM? CONTE-NOS
- 05 - NA ESCOLA, COMO FOI SUA ACEITAÇÃO PELO SEU GRUPO DE AMIGXS?
- 06 - XS PROFESSORXS TE OLHAM/OLHAVAM DIFERENTE? SEU TRATAMENTO É/ERA DIFERENTE DXS DEMAIS ALUNXS POR CONTA DA SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL E/OU IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO?
- 07 - VOCÊ TEM/TEVE ALGUM PROFESSOR LGBTQ+?
- 08 - COMO É/FOI A RELAÇÃO COM XS AMIGXS E PROFESSORXS DA ESCOLA?
- 09 - VOCÊ SE SENTE/SENTIA PROTEGIDXS NA ESCOLA? VOCÊ TEM/TINHA ALGUM LUGAR EXPECIFICO NO QUAL SE SENTE/SENTIA MAIS SEGURXS NO AMBIENTE ESCOLAR?
- 10 - VOCÊ JÁ SOFREU PRECONCEITO EM RELAÇÃO A SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL E/OU GÊNERO NA ESCOLA? COMO FOI E POR QUEM? QUAL FOI A REAÇÃO DA EQUIPE ESCOLAR?
- 11 - COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER/TER SIDO TRATADXS NA ESCOLA?
- 12 - O QUE VOCÊ MUDARIA NA ESCOLA EM RELAÇÃO AO TRATAMENTO PARA COM O GRUPO LGBTQ+?
- 13 - VOCÊ JÁ PENSOU EM ABANDONAR A ESCOLA? POR QUÊ?
- 14 - QUAL FOI O EPISÓDIO QUE VOCÊ SE SENTIU COM MAIS MEDO?
- 15 - VOCÊ PENSA EM SEGUIR QUAL PROFISSÃO? PRETENDE FAZER ENSINO SUPERIOR?
- 16 - EM SEUS MOMENTOS DE LAZER, QUE LUGARES VOCÊ FREQUENTA? O QUE ELE SIGNIFICA PARA VOCÊ? SE SENTE PROTEGIDXS NELE?
- 17 - VOCÊ SE SENTE SOZINHX?
- 18 - SUA FAMÍLIA E AMIGXS SABEM A RESPEITO DA SUA ORIENTAÇÃO E/OU IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO?
- 19 - VOCÊ CARREGA ALGUMA CULPA POR SER LGBTQ+? POR QUÊ?
- 20 - O QUE VOCÊ DIRIA PARA XS LGBTQ+ NÃO ASSUMIDOS?
- 21 - QUE PROFISSÃO VOCÊ SEGUIU? SOFRE PRECONCEITO EM RELAÇÃO A SUA IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO E/OU ORENTAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO?
- 22 - O AMBIENTE PROFISSIONAL TE LEMBRA O AMBIENTE ESCOLAR? EM QUE ASPECTOS?

ANEXO V



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa "Diversidade de Gênero e Sexual na Escola: documentando histórias de vida". Você foi selecionado (a) através de observação participativa e a sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Os objetivos deste estudo são: A produção de um filme tipo documentário que será utilizado como dispositivo sensibilizador e reflexivo a respeito do grupo LGBT e da LGBTfobia nas escolas; Retratar a realidade vivida por alunos e alunas de escolas públicas em relação a LGBTfobia; Colaborar para o enfrentamento à LGBTfobia nas escolas; Colaborar para que o documentário seja um recurso onde a temática seja mais abordada dentro das escolas e Contextualizar o tema de forma a ajudar as pessoas a entenderem as consequências da homofobia, bifobia e transfobia nas escolas.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um formulário de caracterização econômica/sociocultural e de entrevista semiestruturada gravada em vídeo e áudio.

Os riscos relacionados com sua participação são inexistentes.

Os benefícios relacionados com a sua participação são: Ajudar no enfrentamento da LGBTfobia nas escolas e colaborar diretamente para um importante avanço da pesquisa científica.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação a não ser com a sua autorização, com a assinatura do Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o senhor (a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento com a pesquisadora responsável Luizete Pereira de Carvalho no e-mail luizetecarvalho@hotmail.com ou no telefone (21) 964438686.

Luizete Pereira de Carvalho

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNIGRANRIO, localizada na Rua Prof. José de Souza Herdy, 1160 – CEP 25071-202 TELEFONE (21).2672-7733 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep@unigranrio.com.br

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____.

Sujeito da pesquisa

Pai / Mãe ou Responsável Legal

ANEXO VI

Comitê de Ética em Pesquisa



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, _____, CPF _____, RG _____, depois de conhecer os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadora Prof^a. Luizete Pereira de Carvalho e Prof^a Dr^a Andrea Velloso do projeto de pesquisa intitulado "Diversidade de Gênero e Sexual na Escola: Documentando Histórias de Vida" a realizar fotos, vídeos e áudio que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeo e áudio (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor das pesquisadoras da pesquisa, acima especificadas, obedecendo ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto do Idoso, Lei N^o 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N^o 3.298/1999, alterado pelo Decreto N^o 5.296/2004).

Duque de Caxias, ____ de _____ de 20 ____

Pesquisadora responsável pelo projeto

Sujeito da Pesquisa

ANEXO VII



CARACTERIZAÇÃO ECONÔMICA / SOCIOCULTURAL

LOCAL ONDE RESIDE: _____

ESTUDANTE? () SIM () NÃO IDADE: _____ ANOS

SEGMENTO: () E.F II () E.M. () GRADUAÇÃO () OUTROS: _____

TRABALHA? () SIM () NÃO ÁREA _____

IDENTIDADE DE GÊNERO: _____ SE IDENTIFICA: () CIS () TRANS

ORIENTAÇÃO SEXUAL: _____

FORMAÇÃO MÃE: () SEM FORMAÇÃO ESCOLAR () E.F I () E.F II () E.M.
() GRADUAÇÃO () NÃO SEI () OUTROS: _____

PROFISSÃO MÃE: _____

FORMAÇÃO PAI: () SEM FORMAÇÃO ESCOLAR () E.F I () E.F II () E.M.
() GRADUAÇÃO () NÃO SEI () OUTROS: _____

PROFISSÃO PAI: _____

MORA COM SEU/SUA PROJENITOR (A)? () SIM () NÃO QUEM?

FOI CRIADX POR QUEM? _____

RELAÇÃO COM MÃE: () PÉSSIMA () RUIM () NORMAL () BOA () ÓTIMA

RELAÇÃO COM PAI: () PÉSSIMA () RUIM () NORMAL () BOA () ÓTIMA

RENDA FAMILIAR: R\$ _____ QUANTAS PESSOAS MORAM COM VOCÊ: _____

ANEXO VIII



Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação
Diretoria Regional Metropolitana I

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Fica a prof^a Luizete Pereira de Carvalho, RG 1112203-0, aluna do curso de Mestrado da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, autorizada a realizar pesquisa no Colégio Estadual Vicentina Goulart, cujo título provisório é Gays nas escolas: documentando histórias da vida.

Ressalto que esta autorização está documentada, pela subsecretária de Gestão de Ensino, no processo E-03/005/3232/0215.

Esclareço que a pesquisa em horário e condições estabelecidas pela direção da escola, sem prejuízo das atividades de rotina de alunos e professores.

Nova Iguaçu, 19 de Setembro de 2016.


Neide Aparecida de Oliveira Braga da Fonseca
Diretora Regional Pedagógica
ID 0003370196-2

Neide Aparecida de O. Braga da Fonseca
Diretora Regional Pedagógica
Matr. 1208568-4 - ID. 0003370196
SEEDUC - METROPOLITANA I

Diretoria Regional Metropolitana I
Rua Prof.^a Venina Corrêa Torres, 41 Centro – Nova Iguaçu
CEP: 26221-200-Telefone: (21) 2669-2154.

ANEXO IX



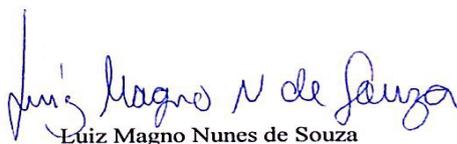
Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação
Diretoria Regional Metropolitana I

Nova Iguaçu, 07 de Novembro de 2017.

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que concordamos em disponibilizar o(s) setore(s) Pedagógicos desta instituição para o desenvolvimento das atividades referente ao Projeto de Projeto de Pesquisa intitulado: Gays na Escola: Documentação Histórias de Vida, da Pesquisadora Luizete Pereira de Carvalho sob a responsabilidade da professora Doutora Andrea Velloso do curso de Mestrado Profissional em Ensino das Ciências na Educação Básica, da Universidade Unigranrio, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Atenciosamente,


Luiz Magno Nunes de Souza

Diretor Geral
Matrícula 09333907
ID 4209631

Luiz Magno Nunes de Souza
Diretor Geral Designado: DGERJ
de 25/08/2016, Pág. 10 2ª Coluna
ID: 4209631-7 / Matr. 0933390-7

C.E. Jardim Alvorada
Rua Diva Melo, 160, Jardim Alvorada - Nova Iguaçu
U.A.: 180582 - CNPJ 00.670.405/0001-37
Telefones: 21 2669-8730

ANEXO X



Prefeitura da Cidade de Nova Iguaçu
 Estado do Rio de Janeiro
 Secretaria Municipal de Educação
 E.M.Prof.Leonardo Carielo de Almeida Nº 67
 CEP: 26296313 INEP 33059985
 CNPJ: 01943861/0001-76
 Rua Santa Lucrecia S/Nº Jardim Europa-Lagoinha
 Telefone: 2686-7895

Escola Municipal
 Professor Leonardo Carielo de Almeida
 Rua Santa Lucrecia, S/Nº, Lagoinha
 Jardim Europa - Nova Iguaçu
 CEP: 26.296-213 / Tel.: (21) 2686-7895
 CNPJ 01.943.861/0001-76

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos, para os devidos fins, que concordamos em disponibilizar o(s) setor (es) pedagógicos desta instituição, para o desenvolvimento das atividades referentes ao Projeto de Pesquisa intitulado: "Diversidade de Gênero e Sexual na Escola: Documentando Histórias de Vida", da pesquisadora Luizete Pereira de Carvalho sob a responsabilidade da Professora Doutora Andrea Velloso do curso de Mestrado Profissional em Ensino das Ciências na Educação Básica, da Universidade Unigranrio, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

Rio de Janeiro, 26 de abril de 2017.

Cristina de Meireles Alves

Nome, por extenso, do responsável pelo setor

Diretora Geral

Cargo e/ou função que exerce na instituição

Cristina de Meireles Alves

Assinatura e Carimbo



03407217-08

CPF

profmatcristina@hotmail.com

E-mail

ANEXO XI



PPGEC – Mestrado Profissional de Ensino
das Ciências na Educação Básica

À (Ao), Secretaria Municipal de Educação (SEMED)

CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE CAMPO DE PESQUISA

O Curso de Mestrado Profissional em Ensino das Ciências na Educação Básica da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO vem, por meio desta, apresentar a V. Sa. a aluna, **Luizete Pereira de Carvalho**, regularmente matriculada no referido curso, e com projeto de pesquisa a ser realizado para conclusão do mesmo.

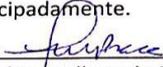
Solicitamos a esta importante Instituição, a concessão para realização de pesquisa de campo necessária para o desenvolvimento de sua dissertação, cujo título provisório é “**Gays nas Escolas: documentando histórias de vida**”, sob a orientação da Profa. Dra. Andrea Velloso.

O caráter ético desta pesquisa assegura o sigilo das informações coletadas, bem como garante, também, a preservação da identidade e da privacidade da instituição e dos profissionais participantes da mesma. Além disso, nos comprometemos em possibilitar aos participantes da pesquisa, um retorno dos resultados. Por outro lado, solicitamos-lhes, aqui, permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa preservando sigilo e ética. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição bioética para execução de qualquer estudo envolvendo seres humanos, sob qualquer forma ou dimensão, em consonância com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta futura mestre e da pesquisa científica em nossa região. Colocamo-nos à vossa disposição na Universidade para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Contato para esclarecimentos:
Profa. Andrea Velloso da Silveira Praça
UNIGRANRIO (Campus Duque de Caxias)
Rua Prof. Prof. José de Souza Herdy, 1160 – 25 de Agosto
Duque de Caxias
E-mail. andrea.velloso@unigranrio.com.br
Tel.: (21) 2672-7763 (21) 9694-3733

Sem mais, agradecemos antecipadamente.


Profa. Andrea Velloso da Silveira Praça
Coordenação Adjunta
PPGEC - UNIGRANRIO

 **Profa. Andrea Velloso**
Coordenadora Adjunta
Programa de Pós-Graduação
em Ensino das Ciências
UNIGRANRIO
Mat. 8358

ANEXO XII



PPGEC – Mestrado Profissional de Ensino
das Ciências na Educação Básica

À (Ao), Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC)

CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE CAMPO DE PESQUISA

O Curso de Mestrado Profissional em Ensino das Ciências na Educação Básica da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO vem, por meio desta, apresentar a V. Sa. a aluna, **Luizete Pereira de Carvalho**, regularmente matriculada no referido curso, e com projeto de pesquisa a ser realizado para conclusão do mesmo.

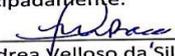
Solicitamos a esta importante Instituição, a concessão para realização de pesquisa de campo necessária para o desenvolvimento de sua dissertação, cujo título provisório é “**Gays nas Escolas: documentando histórias de vida**”, sob a orientação da Profa. Dra. Andrea Velloso.

O caráter ético desta pesquisa assegura o sigilo das informações coletadas, bem como garante, também, a preservação da identidade e da privacidade da instituição e dos profissionais participantes da mesma. Além disso, nos comprometemos em possibilitar aos participantes da pesquisa, um retorno dos resultados. Por outro lado, solicitamos-lhes, aqui, permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa preservando sigilo e ética. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição bioética para execução de qualquer estudo envolvendo seres humanos, sob qualquer forma ou dimensão, em consonância com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta futura mestre e da pesquisa científica em nossa região. Colocamo-nos à vossa disposição na Universidade para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Contato para esclarecimentos:
Profa. Andrea Velloso da Silveira Praça
UNIGRANRIO (Campus Duque de Caxias)
Rua Prof. Prof. José de Souza Herdy, 1160 – 25 de Agosto
Duque de Caxias
E-mail. andrea.velloso@unigranrio.com.br
Tel.: (21) 2672-7763 (21) 9694-3733

Sem mais, agradecemos antecipadamente.


Profa. Andrea Velloso da Silveira Praça
Coordenação Adjunta
PPGEC - UNIGRANRIO

 **Profa. Andrea Velloso**
Coordenadora Adjunta
Programa de Pós-Graduação
em Ensino das Ciências
UNIGRANRIO
Mat. 8358

ANEXO XIII

DOCUMENTÁRIOS BRASILEIROS DISPONIBILIZADOS NO PORTA CURTAS

Disponível em <http://portacurtas.org.br/> Consultado em Janeiro de 2019.

Período: 2002 a 2019

1 (Dis)parada

Documentário | De Erico Silva Muniz | 2008 | 17 min |

Dando voz a trabalhadores ambulantes e moradores, (dis)parada apresenta alguns aspectos e impressões da 4ª Parada do Orgulho LGBT da cidade de Niterói (RJ). No filme a passeata ganha diferentes sentidos e representações.

2 Lugares de Medo e Ódio

Documentário | De Alexandre Nakahara | 2016 | 27 min | SP

Cinco pessoas diferentes contam histórias traumáticas que passaram por conta do preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. Enquanto acompanhamos suas visitas aos lugares em que sofreram violências ou que simbolizam a discriminação em suas vidas, elas falam sobre como é conviver com o preconceito no contexto urbano paulista.

3 Dame Candolle

Documentário | De Allan Santos, Elber Xavier, Ismael Quadros, Karina de Abreu, Karla Suarez, Sophia Prado, Vinícius Ribeiro | 2016 | 6 min | 0

Pelo olhar de Luana Muniz, atriz, profissional do sexo, militante, "travesti por excelência", Dame Candolle propõe uma reflexão sobre a temática do preconceito, da identidade de gênero e da visibilidade trans. Tudo isso, a partir dessa personagem tão ambígua e multifacetada, a rainha da Lapa, "um espetáculo vivo, uma fábrica de sonhos".

4 Cinema em 7 Cores | 3.450

Documentário | De Felipe Tostes, Rafaela Dias | 2008 | 34 min | RJ

Cinema em 7 Cores traça um panorama histórico de como o personagem gay foi retratado nas telas grandes brasileiras, desde sua origem nas chanchadas dos anos 50 até os dias atuais. O filme investiga as origens dos preconceitos, estereótipos, assim como a importância da identificação com representações construtivas desses personagens

5 Na cama com King | 26.379

Documentário | De Paola Prestes | 2002 | 13 min | SP

Com Cícero Luís Dias

King, um cidadão nem tão comum, solta o verbo e revela suas teorias sobre homossexualidade, mulheres e sexo.

6 Lady Christiny | 9.785

Documentário | | 2005 | 12 min | RJ

Com Dona Diva, Kátia Queiroz, Lady Christiny

Celso Marques era cantor, casado e pai de dois filhos. Até se apaixonar por um fã. Sua esposa, Célia, aceita e apoia o romance, desde que o rapaz morasse com eles - Célia, Celso e os filhos

7 Fabricação Própria - A Desordem do Desejo | 13.805**Documentário**, Conteúdo Adulto | De Carol Thomé | 2007 | 13 min | SP

Com Carlos Cury, Guta Silveira, Maria Romana

Refém do próprio corpo, Guta Silveira conta como driblou a natureza. Ou seria o destino? Um retrato da primeira transexual operada legalmente no Brasil. A carne é um peso difícil de carregar.

8 Amapô | 9.467**Documentário** | De Kiko Goifman | 2008 | 12 min | RJ

Este curta faz parte do projeto Marco Universal. Através de uma história de vida o filme trata de questões relacionadas aos direitos humanos, como o direito à diferença. A vida da personagem é apresentada a partir de outros, a alteridade como lógica. Os espectadores completam os sentidos e aos poucos percebem que se trata de um homossexual que, ainda na adolescência, virou travesti. "Amapoa" é um termo que vem do lorubá e transformou-se em uma gíria de travestis para falar de mulher.

9 Mãe de Lésbica | 10.117**Documentário** | De Marcelo de Trói | 2003 | 5 min | BA

Com Leni Simão, Walkiria Rosário

Mãe de Lésbica assumida mostra como enfrenta as opiniões homofóbicas na sociedade representando papéis de si mesma.

10 Negra Lésbica**Documentário** | De Erica Roberta Silva, Formiga, Patricia Norica, Priscilla Ap Mendes Dos Santos | 2014 | 4 min | SP

6 mulheres, 6 histórias diferentes, mas que apresentam um único elo - o preconceito que sofrem por serem negras e assumirem a sua orientação sexual como lésbicas, dentro de uma sociedade machista e heteronormativa.

11 Somos Todos Iguais?**Documentário** | De Aline Braga da Silva, Isis Lourenço Cardozo, Maria Lilian Nascimento Araújo, Sidney Alexandro Cuba Junior | 2014 | 5 min | SP

Por que a sexualidade afeta tanto o convívio com os outros? Se aceitar na sociedade de hoje não deveria ser um tabu.

12 Jessy | 822**Documentário** | De Paula Lice, Rodrigo Luna, Ronei Jorge | 2013 | 15 min | BA

Com Aldo Zeck, Bruno Santiago, Jean Carlos Macedo, Luiz Santana, Paula Lice, Valécio Santos Jessy é a versão curta de Jéssica Cristopherry, e assim se chamavam todas as personagens da infância de Paula Lice. Atriz, dramaturga e mulher, Paula conta com o apoio das madrinhas Carolina Vargas, Ginna d'Mascar, Mitta Lux, Rainha Loulou e Valérie O'harah, para resgatar Jéssica e realizar o desejo de ser transformista. O filme documenta a construção de Jéssica e homenageia carinhosamente a cena transformista soteropolitana.

13 Tibira É Gay**Documentário** | De Emilio Gallo | 2007 | 10 min | AM

No coração da Floresta Amazônica, quatro descendentes de índios assumem sua homossexualidade e contam suas histórias.

14 Parada Gay**Documentário** | De Luiz Carlos Lacerda | 2003 | 35 min | RJ . Realizado com alunos da Universidade Estácio de Sá sobre a Parada do Orgulho Gay, no Rio de Janeiro.

15 Lésbicas do Brasil

Documentário | De Maria Angélica Lemos | 2005 | 35 min | RJ

Percorre a história do movimento lésbico, desde o início dos anos 80 até meados de 2004, mostrando acervo significativo de imagens, gravadas em várias épocas e diferentes cidades, revelando o movimento no Brasil.

16 Além das 7 Cores

Documentário | De Camila Biau | 2012 | 19'27min | SP

Imersa na movimentada cena noturna da região da Rua Augusta, no coração de São Paulo, Daniela Glamour Garcia nos conduz nesta crônica sobre os conflitos de quem decide viver à margem do que é considerado "normal" pela maioria. As normas, limites, classes e categorias, que nos são impostas têm mesmo a capacidade de nos fazer sentir habitáveis em nós mesmos?

17 As Cores da Terra do Sol: Diversidade Sexual em Heliópolis

Documentário | De Marianna Fanti | 2007 | 19min. | SP

Retratar e discutir o espaço que a diversidade sexual encontra no que é considerada a segunda maior favela de São Paulo, segunda maior do Brasil e da América-Latina, a comunidade de Heliópolis.

APÊNDICE 1

GLOSSÁRIO DE TERMOS SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO

Fonte: JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de Gênero: conceitos e termos.** Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2ª edição. Brasília. Dezembro /2012.

GÊNERO

Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres.

SEXO

Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais.

EXPRESSÃO DE GÊNERO

Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento e um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive.

IDENTIDADE DE GÊNERO

Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero.

CISGÊNERO

Conceito “guarda-chuva que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

TANSGÊNERO

Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando do seu nascimento.

INTERSEXUAL

Pessoa cujo corpo varia do padrão masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final

da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas.

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero.

ASSEXUAL

Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero.

BISSEXUAL

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero.

HETEROSSEXUAL

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica.

CROSSDRESSER

Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras.

TRANSEXUAL

Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica.

TRAVESTI

Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento.

TRANSFORMISTA ou DRAG QUEEN/DRAG KING

Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com a sua identidade de gênero ou orientação sexual.

QUEER ou ANDRÓGINO ou TRANSGÊNERO

Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.

BINARISMO

Também, denominado como “dimorfismo sexual”. Crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos sexos feminino e masculino. Quando essa ideia está associada à de que existiria relação direta entre as categorias sexo (biológico) e gênero (psicossocial), incorre-se no cissexismo.

CISSEXISMO

Ideologia, resultante do binarismo ou dimorfismo sexual, que se fundamenta na crença estereotipada de que características biológicas relacionadas a sexo são correspondentes a características psicossociais relacionadas a gênero. O cissexismo, ao nível institucional, redundando em prejuízos ao direito à auto-expressão de gênero das pessoas, criando mecanismos legais e culturais de subordinação das pessoas cisgênero e transgênero ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Para as pessoas trans em particular, o cissexismo invisibiliza e estigmatiza suas práticas sociais.